



TERRIED

LEITURA E ESCRITA

**AS DIFICULDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**



**VALDINÉIA AMORIM LOBATO
ELIVALDO SERRÃO CUSTÓDIO
AUTORES**



TERRIED

LEITURA E ESCRITA

**AS DIFICULDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**



**VALDINÉIA AMORIM LOBATO
ELIVALDO SERRÃO CUSTÓDIO
AUTORES**

1.^a Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras

Direitos de Edição Reservados à Editora Terried

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.



O conteúdo dos capítulos apresentados nesta obra são de inteira responsabilidade d@s autor@s, não representando necessariamente a opinião da Editora.

Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

Conselho Editorial

Adilson Cristiano Habowski - ***Currículo Lattes***

Adilson Tadeu Basquerote Silva - ***Currículo Lattes***

Alexandre Carvalho de Andrade - ***Currículo Lattes***

Anísio Batista Pereira - ***Currículo Lattes***

Celso Gabatz - ***Currículo Lattes***

Cristiano Cunha Costa - ***Currículo Lattes***

Denise Santos Da Cruz - ***Currículo Lattes***

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó - ***Currículo Lattes***

Fabiano Custódio de Oliveira - ***Currículo Lattes***

Fernanda Monteiro Barreto Camargo - ***Currículo Lattes***

Fredi dos Santos Bento - ***Currículo Lattes***

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos - ***Currículo Lattes***

Humberto Costa - ***Currículo Lattes***

Leandro Antônio dos Santos - ***Currículo Lattes***

Lourenço Resende da Costa - ***Currículo Lattes***

Marcos Pereira dos Santos - ***Currículo Lattes***

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Leitura e Escrita: as dificuldades e desafios no processo de ensino e aprendizagem no 5^o ano do ensino fundamental. Valdinéia Amorim Lobato e Elivaldo Serrão Custódio (Organizadores) -- Alegrete, RS : Editora Terried, 2025.

PDF

ISBN 978-65-83367-47-1

1. Educação

24-225451

CDD-918.17

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 90.14
2. Ensino 90.9



www.terried.com

contato@terried.com

APRESENTAÇÃO

O livro “*LEITURA E ESCRITA: as dificuldades e desafios no processo de ensino e aprendizagem no 5º ano do ensino fundamental*” é fruto de pesquisa de Mestrado em Educação de Valdinéia Amorim Lobato sob orientação e supervisão do professor Dr. Elivaldo Serrão Custódio da Universidade do Estado do Amapá (UEAP). O livro apresenta um leque diversificado da leitura e da escrita no campo educacional, a partir de diferentes experiências e reflexões teóricas e **práticas**, em alinhamento com uma educação que opera pela prática e exercício da autonomia discente no espaço escolar. Trata-se de uma importante pesquisa que merece ser divulgada e lida, pois busca analisar o processo de dificuldades no desenvolvimento da leitura e da escrita encontrados por uma professora e seus alunos do quinto ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Macapá, estado do Amapá. Os autores entendem que a leitura e a escrita são habilidades imprescindíveis para uma aprendizagem satisfatória na vida escolar dos alunos. A pesquisa demonstra que para solucionar as dificuldades neste campo de atuação, faz-se necessário um esforço conjunto de toda equipe escolar, para que ao final de cada ano o aluno tenha adquirido as habilidades mínimas e necessárias. Não aprender a ler e escrever é enterrar todo processo de desenvolvimento do sujeito em sua vida escolar e social; é negar-lhe o direito e cidadania.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 O DESAFIO DE APRENDER A LER E ESCREVER	10
1.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA.....	11
1.2 OBJETIVOS DA LEITURA E ESCRITA.....	14
1.3 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM	14
1.3.1 Aprendizagem da leitura	17
1.3.2 Aprendizagem da escrita.....	19
2 A INTERAÇÃO ESCOLA/FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA ...21	
2.1 O PAPEL DA FAMÍLIA.....	22
2.2 O PAPEL DA ESCOLA	25
2.3 O PAPEL DO PROFESSOR	29
3 CAUSAS DAS DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA	33
3.1 ETIOLOGIA DAS DIFICULDADES	35
3.2 TIPOS DE DIFICULDADES	37
3.3 PRÁTICAS DIDÁTICO PEDAGÓGICAS.....	42
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	46
4.1 TIPO DE PESQUISA	47
4.2 LÓCUS PESQUISADO.....	48
4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	49
4.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	49
4.5 PROCEDIMENTOS.....	50
4.6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	52
4.6.1 Observação do espaço escolar.....	53
4.6.2 Organização da Escola.....	53
4.6.3 Estrutura da Escola.....	55
4.6.4 A escola e as práticas pedagógicas.....	56
4.6.5 As condições sociais da família.....	61
4.6.6 Dificuldades encontradas pela professora.....	63
4.6.7 A observação dos alunos do 5º ano com dificuldades.....	68
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	81
SOBRE OS ORGANIZADORES	88

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea exige que crianças, jovens, adultos ou idosos, tenham como ferramentas para a compreensão e realização da comunicação, dois instrumentos básicos: a leitura e a escrita. Isto porque, para fazer parte da sociedade letrada, faz-se necessário apropriar-se dos saberes conquistados pela humanidade. Nestes termos, ler não é somente decifrar o que está escrito, mas interpretar o que se observa, mesmo sem palavras. Pois é através da leitura e da escrita que se interagem com os outros, engendrando sentidos.

A aquisição da leitura e da linguagem escrita representa um marco na história do desenvolvimento social e cultural do ser humano, que nas últimas décadas vem se destacando, haja vista o papel ativo dado para o processo, sendo abordado a compreensão da funcionalidade, com o objetivo de torná-las significativas nas aprendizagens, em oposição ao tradicionalismo.

A arte de ler e escrever abriga processos criativos e artísticos, frutos de uma evolução histórica e cultural dos seres humanos, que para compreendê-los de forma significativa, são necessários instrumentos básicos para o ingresso e participação na sociedade letrada onde se vive. Porém, apesar das mudanças, a realidade escolar apresenta um número elevado de alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, pois há alunos que ingressam no quinto ano do Ensino Fundamental sem saber ler e escrever, o que dificulta o acompanhamento de outras atividades curriculares desenvolvidas e a interação social com colegas e professores.

Através dos estudos aprofundados sobre o tema abordado, leitura e escrita, elaborou-se o seguinte problema de pesquisa: - Por que muitos alunos do 5º ano do ensino Fundamental enfrentam grandes dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita?

O estudo teve como pressuposto que a falta de motivação, as condições familiares socioeconômicas, culturais e psicoemocionais interferem no cotidiano escolar implicando nas dificuldades de aprendizagem do aluno tanto para a leitura, quanto para a escrita. É importante ressaltar, que o estudo se fez relevante

devido as investigações realizadas sobre as causas, dificuldades e consequências sofridas por esses alunos durante a aprendizagem. Bem como a preocupação da professora em sanar as dificuldades que estes apresentaram em todo o ensino fundamental.

A motivação para o desenvolvimento da temática se deu por motivos pessoais e profissionais, resultados das reflexões e entrosamentos pelo assunto abordado, desde o estágio supervisionado da graduação. Na busca de verificar soluções pedagógicas para as dificuldades encontradas na leitura e escrita no contexto escolar, das crianças dos anos iniciais do fundamental, que vão passando de ano, mas as dificuldades para aprender a ler, escrever, resolver cálculos entre outros conteúdos, permanecem no decorrer desses anos.

A pesquisa objetivou analisar o processo de dificuldade no desenvolvimento da leitura e da escrita encontrados por uma professora e seus alunos do quinto ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Macapá - AP. Para fundamentar a pesquisa, foi realizado um levantamento de dados, com o intuito de descrever as estratégias de aquisição da leitura e da escrita; apontando os fatores que interferem.

Foi investigado as causas do elevado número de alunos do 5º ano do ensino fundamental ainda possuírem grandes dificuldades na leitura e escrita, visto que a maioria desses alunos já possuem uma experiência escolar de cinco anos de estudos, pois já ficaram retidos.

Em relação a professora, a pesquisa identificou os obstáculos encontrados no aprendizado, bem como as estratégias didático pedagógicas utilizadas para melhorar a aprendizagem dos alunos na aquisição da leitura e escrita. Desta forma, a pesquisa seguiu os passos da metodologia científica, verificando em lócus o problema, buscando práticas pedagógicas adequadas às características e necessidades das crianças. O foco principal esteve na professora do quinto ano e em seus 04 alunos que possuem dificuldades na leitura e na escrita.

O estudo foi composto por uma pesquisa bibliográfica, documental e o estudo de caso sobre os participantes. Os instrumentos utilizados foram a observação dos alunos e a entrevista com a professora. O estudo foi dividido em

quatro seções: na primeira seção, aborda-se sobre o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, suas conceituações e diferenciações quanto ao processo de leitura e de escrita; na segunda seção, traz-se uma análise e caracterização dos papéis da família, da escola e do professor diante da aprendizagem; na terceira seção, causas, dificuldades e consequências dos problemas e quais as práticas didático pedagógicas que ajudam a reduzir os fracassos existentes; na quarta e última seção, apresenta-se os resultados e as análises das atividades em sala de aula e trabalhos realizados pela professora e por fim, as considerações finais.

1 O DESAFIO DE APRENDER A LER E ESCREVER

Ler, deriva do latim *legere*, que significa: colher, recolher, apanhar, enrolar, tirar, escolher, captar com os olhos. Transcrevendo o sentido do vocábulo, Macedo (1999, p.123) explica dois sentidos. O primeiro diz respeito sobre aquele que colhe informações que estão expostas no mundo; o segundo busca informações com o designo de recolher para si. Desta forma, a autora conceitua a ação de ler como sendo um ato de “descobrir caminhos, conhecer e reconhecer o mundo a nossa volta”.

O Dicionário Eletrônico Houaiss (2018) traz o enunciado da palavra escrever, como sendo derivada do latim *scribo, is, psi, ptum, ěre*, que significa marcar com o estilo, traçar uma linha, assinalar, gravar, marcar com cunho, desenhar, representar em caracteres, fazer letras, ou seja, significa contar algo por meio da escrita ou introduzir informações em determinado lugar da memória, em fitas magnéticas ou discos.

De acordo com a tradição, o ato de escrever era tido como um código que concretizava a fala. Neste contexto, não valorizava a função da leitura e da escrita, e suas influencias sociais. A pesquisa de Garcez (2002), ressalta: “a escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo”.

O registro pictográfico das cavernas, atravessou eras, cruzou variados períodos históricos, porém sua finalidade primordial, apesar das suas diferentes funções permanece. O ato de comunicar, de registrar pensamentos. A escrita é uma das ferramentas necessárias para a comunicação entre as pessoas, daí a relevância da inserção da criança.

Aprender a ler e escrever são atividades interligadas com a formação geral, social e cultural, pois dá ao indivíduo autonomia, liberdade para o convívio na família, escola, no trabalho e na sociedade, para uma aprendizagem ao longo da vida, respeitando a cidadania.

1.1 A Importância da Leitura e Escrita

A leitura e a escrita se constituem em valor social, haja vista, ser um instrumento de interação, troca, diálogo, com múltiplos significados, atraindo sentido a leitura de mundo, imagens, símbolos, palavras. Em se tratando da escrita, registra-se o mundo, a cultura. Sendo concepções e valorizações diferentes.

De acordo com Freire (2011, p.31), para aprender a ler e escrever, é necessário antes de tudo, ler e compreender o mundo, vinculando linguagem e realidade. Ou seja, ler implica acima de tudo, conhecer, interpretar, decifrar, eleger, escolher, distinguir os elementos mais importantes daqueles que são menos significantes.

Ler e escrever constituem a formação social e cultural, fundamental para o desenvolvimento do raciocínio, do senso crítico, da ampliação do conhecimento, do enriquecimento do vocabulário e da capacidade de interpretação pessoal (informações livro, jornal, receitas, etc.) ou dos acontecimentos do dia a dia.

Parafraseando Paulo Freire, (2006, p.39), “ler, não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interagir no mundo pela ação”. Os meios tecnológicos, demonstram essa ação da leitura e da escrita, no processo de descodificação de dados armazenados em um suporte (CD, DVD, pendrive, entre outros) e em instrumentos de medição de energia e de água.

A prática diária da leitura permite a interpretação de uma poesia, um conto, uma novela, mas também a interpretação de sinais. Essas atividades conduzem o leitor, a participa do processo de criação, constituindo-se, também em produtor, instigando a criatividade e ativando o imaginário (Rocco, 1996, p. 39).

Nas palavras de Stefani (1997, p.17), a “leitura é uma arte”, que se apoia em três palavras chaves:

Apreciar: enxerga as oportunidades do aluno ler e escrever, apreciando obras de arte de diferentes linguagens. **Produzir:** a expressão de cada indivíduo se manifesta em produções próprias. **Contextualizar:** possibilita a contextualização das obras, tendo acesso à vida e obra de artistas (Stefani, 1997, p.17, grifos nossos).

Por ser uma atividade que exige uma intervenção “inteligente, difícil e gratificante”, Freire (2010, p.29) classifica a mesma como sendo o “estado de arte”. Haja vista, o homem ter a capacidade de entender o mundo das palavras. Compactuando com as reflexões de Stefani (1997) e Freire (2006; 2010; 2011), Lerner (2006) enumera os principais propósitos sociais da leitura:

Ler para resolver um problema prático (fazer uma comida, utilizar um aparelho, construir um móvel); ler para se informar sobre um tema de interesse [...]; ler para escrever, quer dizer, para produzir o conhecimento que se tem sobre o tema do artigo que a pessoa está escrevendo [...]; ler para buscar informações específicas que se necessitam por algum motivo – o endereço de alguém ou o significado de uma palavra, por exemplo. [...] Os projetos vinculados à leitura literária se orientam para propósitos mais pessoais: leem-se muitos contos ou poemas, para escolher aqueles que se deseja compartilhar com outros leitores; leem-se romances, para se internar no mundo de um autor, [...] ou para viver excitantes aventuras que permitem transcender os limites da realidade cotidiana (Lerner, 2006, p.38).

Assim sendo, estudiosos como Freire (2006; 2010; 2011), Stefani (1997), Rocco (1996), Lerner (2006), Solé (2008), Ramos (2012) compreendem a importância do hábito de ler em três momentos importantes: ler por prazer (como forma de entretenimento, sem formalidade); para estudar (aprender, revisar um escrito próprio) e se informar (obter uma informação precisa ou de caráter geral, seguir instruções).

Sobre esse aspecto Isabel Solé (2008, p.13) explica que quando se ler com estratégias de leitura, o aluno aproveita suas experiências para realizar deduções e esclarecer suas possíveis dúvidas.

A leitura realizada com prazer, desenvolve a imaginação, enriquecendo o vocabulário e envolvendo linguagens diferenciadas, etc. diferentemente da leitura para o estudo, que é a mais praticada pelos professores. Mas que geralmente não estão habilitados a desenvolver em seus alunos. Como meio de informação, faz-se necessário uma leitura dinâmica, descontraída.

Infelizmente, a cultura contemporânea conspira contra o que não tem utilidade imediata. As provas nacionais que avaliam a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro, são produzidas a partir de testes padronizados, o que reforça o caráter utilitário porque cobram para que os alunos leiam para resolver algo. É válido ressaltar que são importantes.

Mas, é fundamental demonstrar aos alunos que a leitura tem a ver com sentimentos. Não significa somente compreender o que está escrito, significa também entender algo sem palavras que se observa e interpreta, sendo fator enriquecedor e ampliador de conhecimentos.

A arte de se escrever a mão, permite a transmissão de informações, através de um código convencional, cuja a posse, permite decifrar as mensagens das demais pessoas e transmitir qualquer mensagem. A aprendizagem desse código é discriminativa (discriminação dos fonemas e dos grafemas) e substitutiva, ou seja, substituição de uns pelos outros (Stambak, Vial, Diatkine, Plaisance e Beauvais, 1984).

Os estudos de Dockrell e McShane (1997) demonstram que quando se ler apenas com os olhos, se reconhece palavras, mas quando se ler com os ouvidos, transforma-se o *input* visual em uma representação fonológica, ou seja, a união das habilidades de reconhecer e compreender.

Entretanto, a escrita não pode ser definida como uma simples decodificação de símbolos, mas sim um meio para ampliar os conhecimentos dos alunos e sua visão de mundo. A escrita é o princípio e o motivo básico, é a expressão, podendo ser de um pensamento, de sentimentos, de conhecimento, de uma reflexão, etc. Entre outras razões para escrever, Sabrina Vilarinho (2018) relaciona:

Escrevemos quando estamos tristes, para desabafar, nem que seja apenas para ficar naquele pedaço de papel; escrevemos quando estamos alegres e precisamos contar o que sentimos a respeito daquela vitória conquistada; escrevemos para contar um segredo, mesmo que seja só para o diário; escrevemos para dizer que estamos apaixonados; escrevemos para dizer que amamos alguém; escrevemos porque ficamos com saudades; escrevemos porque um amigo foi morar em outro estado ou outro país; escrevemos para felicitar um nascimento e para parabenizar um aniversariante; escrevemos para deixar uma lembrança para alguém; escrevemos para consolar um amigo; escrevemos para encorajar um irmão; escrevemos para nos sentir mais próximos da família e, finalmente, escrevemos porque desejamos passar em um concurso, seja vestibular, seja para um órgão público ou uma empresa particular! (Vilarinho, 2018, on-line).

Como se observa, inúmeros são os motivos para escrever. Pois a escrita é um ato de conquista, pois permite adquirir objetos desejados. Formar escritores competentes, significa portanto uma prática continuada de escrever.

1.2 Objetivos da Leitura e Escrita

Analisando os objetivos do ensino da leitura e da escrita, deve-se evidenciar que estas, crescem de forma evolutiva e contínua, não esquecendo o problema da natureza do progresso. Faz-se necessário entender que formar um leitor competente supõe:

[...] formar alguém que compreenda o que lê, que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (Brasil, 1998, p. 41).

Assim sendo, um dos principais objetivos da leitura está em desenvolver atitudes que estimule o leitor a buscar informações e referências, promovendo a independência e excitando a confiança pelas próprias buscas, estabelecendo relações entre o lido e os problemas que pretende resolver, tirando suas conclusões.

Consisti desta forma, atender a sua finalidade social que o indivíduo necessita no momento, seja ela para informa-se, divertir-se, estudar, resolver um problema, escrever ou revisar um texto, o importante é satisfazer, dar resposta ao que se busca. Pois apenas o ato de ler o papel, não garante a compreensão do que se ler.

O conhecimento e o entendimento do que se ler, só ocorre caso haja afinidade entre os elementos que compõe a leitura, ou seja, leitor, texto, competências para o ato da leitura, a necessidade a ser satisfeita.

Independentemente do contato sociocultural com a linguagem escrita onde se encontra inserido o sujeito, toda pessoa é capaz de desenvolver a leitura, pois aprender a ler não é um talento, mas uma herança de especialização do ser humano. Entretanto, apesar de ser uma atividade social, há uma parcela da população que não possuem ou não dominam a escrita.

1.3 O Processo de Aprendizagem

A aprendizagem se inicia a partir do nascimento, de forma intencional e vai se desenvolvendo no convívio com outras pessoas em ambientes sociais. Fundamentado nesta ideia, Weisz (2005), afirma que a aprendizagem da leitura e da

escrita, não são resultados apenas das ações pedagógicas, pois:

Muitas coisas não nos foram ensinadas formalmente, portanto, tudo aquilo que não é processo formal de ensino e aprendizagem que acontece na sala de aula também educa, ou seja, o jeito das pessoas se relacionarem, as atitudes dos adultos para com as crianças, a relação estabelecida com a família e com a comunidade, o funcionamento geral da escola, a dinâmica do intervalo do recreio, enfim, tudo que acontece com o indivíduo no contexto que o mesmo está inserido, representa situações de aprendizagem (Weisz, 2005, p.54).

Os estudos de Barca Lozano e Porto Rioboo (1998) afirmam que aprendizagem é um processo ativo, construtivo e significativo, haja vista, a necessidade de várias atividades para que os conteúdos sejam assimilados, gerando estruturas cognitivas organizadas.

Na visão dos autores, a aprendizagem é processo de assimilação/adaptação de hábitos, conceitos, acontecimentos, procedimentos e atitudes, valores e normas, adquiridos no meio em que vive através do processo de conhecer, perceber e raciocinar, com a finalidade de resolver problemas, de forma ativa e construtiva.

Salgado (2009, p.45) defini este processo como sendo “uma função integrativa, onde se relacionam o corpo, a psique e a mente” para que possa utilizá-la individualmente. Nesse sentido, a criança ao vim à escola, traz consigo uma carga de conhecimento, pois a cabeça não é vazia, tem uma construção histórica, cultural e social e que supõe, portanto, interação com as pessoas. Assim, toda criança aprende, mas não em qualquer situação e nem tão pouco da mesma forma.

As crianças aprendem pela interação com o objeto de cultura, dos conhecimentos resultantes da experiência do homem e do grupo social onde está inserido (Oliveira, 2000, p.43). Assim, a participação em prática de leitura e de escrita, no cotidiano, possibilita e amplia os conhecimentos sobre a língua, porém são socialmente determinantes, pois, um mesmo texto além de poder ser lido de muitas maneiras pelo mesmo sujeito, cada leitura é feita de forma particular e do lugar que ocupa socialmente.

Segundo Ramos (2012, p.35) tanto a prática da leitura, quanto a da escrita, são atividades cognitivas com atribuições de sentido, o que exige um processo contínuo, que se inicia fora da escola e que se prolonga por toda a vida. A autora orienta que deve ser acompanhado por práticas pedagógicas que promovam experiências diversificadas.

A necessidade destas experiências se justifica porque nenhum conhecimento está pronto e acabado, mas sempre em construção, devido às interações do indivíduo com o meio físico e social, como defende Piaget (1978). Ao evidenciar o “progresso do conhecimento da criança”, onde o professor é um mediador entre o aluno e a sociedade e o aluno é um agente ativo na elaboração da própria aprendizagem, e de forma interdisciplinar (Piaget, 1978, p.238).

As reflexões de Piaget (1978) demonstram que a aprendizagem se relaciona com o desenvolvimento da criança, o professor para aumentar as possibilidades do conhecimento, necessita estimular o aluno, mas de acordo com a maturação de cada um.

Neste contexto, Lins (2003, p.79) compara o aluno com uma espécie de “scaffold” (andaime), onde o aluno, dependendo da maturação, vai elevando o conhecimento de acordo com o nível de desenvolvimento real, até o nível de desenvolvimento potencial. Solé (2008, p.76) complementa a metáfora dizendo que o professor deve estar com o seu conhecimento “acima do edifício que contribuem para construir”.

Sendo assim, à medida que a edificação do conhecimento for solidificada, ou seja, quando o aluno adquirir competências e habilidades necessárias para controlar sua própria aprendizagem, garantindo a autonomia, o professor vai retirando os “andaimes” conforme sua maturação.

Nos estudos de Vygotsky (*apud* Antunes, 2001, p.28) “os andaimes” são a Zona de Desenvolvimento Proximal, conhecida como ZDP, que está relacionada ao nível de conhecimento adquirida com a ajuda de uma pessoa mais experiente, buscando formas diversificadas de se pensar ou soluções para um problema, contribuindo no desenvolvimento de novos conhecimentos.

Como a criança está em um constante processo de transformação, faz-se necessário a prática de atividades pedagógicas significativas que contribuam na aprendizagem, congregando os conhecimentos prévios, na construção da aprendizagem significativa.

Desta forma, o professor precisa valorizar toda a bagagem de conhecimentos que a criança traz do meio que vive, para a escola. Aprender a ler como se a

leitura fosse um ato mecânico, separado da sua realidade e da compreensão que se tem, é um desastre que acontece todos os dias, o que resulta em desinteresse e rejeição em relação à leitura e a escrita (Carvalho, 2001, p.11).

A leitura e a escrita devem ser apresentadas às crianças de formas diversificadas, que agucem a curiosidade. Pois, a função pedagógica implica em quem aprende o que, como, onde e isto é constituído da interação pedagógica.

1.3.1 Aprendizagem da leitura

Sobre o a aprendizagem da leitura Freire (2006, p.21), escreveu: “ler não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação”.

Para o pedagogo, ler é uma interpretação do mundo em que se vive, de forma consciente. Além de interpretar, o aluno também tem que utilizar a escrita como forma de representação deste mundo, pois a sociedade atual exige estas condições para que ele se integre.

Desta forma, na aprendizagem da leitura, os alunos se confrontam com duas dificuldades a identificação das letras, sílabas, palavras ou frases e a aprendizagem do som que corresponde. Isto é, para ler, é necessário o domínio do código escrito. Sendo assim, o aluno para ler necessita dos processos de descodificação das letras e das palavras e os processos de compreensão da informação escrita (Cruz, 2009).

A maturação do leitor é percebida, quando este consegue abstrair dos símbolos escritos, decifrar o que está escrito, seja em letras, ou figuras. Este rito se desenvolve ainda na infância, quando a criança compreende a mensagem, mesmo sem saber ler.

Figura 01: A Compreensão da leitura



Fonte: Sim-Sim, 2007, p.10.

Os procedimentos de leitura não podem unicamente ser concentrados na transmissão de conteúdos em sala de aula, mas também visa desenvolver o hábito como cognição de conhecimentos constantes para a vida. É interessante que a leitura seja aplicada na forma de encantamento. Sendo assim a criança vai buscar aprender e compreender mais e mais. O quadro abaixo, evidencia a fluência na leitura e as estratégias a serem desenvolvidas.

Analisando o quadro, é possível perceber que aprender a ler, de qualquer forma, é um processo lento, ao contrário da capacidade para aprender a falar. De acordo com Sim-Sim (2009, p.34) a aprendizagem da leitura consiste na apropriação de estratégias, que se estende do reconhecimento da palavra e da língua, perpassando pelas experiências vividas na leitura e no conhecimento do mundo. Este processo necessita de um ensino explícito, consistente e sistematizado por parte de quem ensina.

De forma pedagógica, o ensino de leitura precisa de estratégias específicas para a aprendizagem. O estímulo para a promoção do comportamento como leitores e a ampliação do conhecimento experiencial que têm sobre a vida e sobre o mundo. É fundamental que se explore com o aluno, o conteúdo a ser lido, e não ler o conteúdo para o aluno. O quadro I, fica bem nítido que as experiências de mundo, é contínua no ensino, simultânea com a aprendizagem da decifração e prolonga-se ao longo da vida.

1.3.2 Aprendizagem da escrita

O ato de aprender a escrever embora inicie no meio social diferente da escola, a aprendizagem da linguagem escrita, encontra nela, o lugar de sistematização e ampliação, pois exige um trabalho consciente em relação às palavras e à sua sequência, implicando uma tradução da fala interior que condensada, abreviada e compacta, passa para fala oral, que é extremamente detalhada.

A pesquisa de Ferreiro (1985, p.35), comprova que essa aprendizagem não se inicia na entrada do aluno na escola, visto que fora da escola é realizado um verdadeiro trabalho cognitivo sobre o material escrito que se encontra no meio onde está inserido.

Neste contexto, um desenho ou uma fotografia pode ser decifrada, comentado linguisticamente, sem que seja uma escrita. O ato de ler é intrínseco ao de escrever, ou seja, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir o conhecimento do que seja ler e de escrever, necessita entender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Sendo assim, a escrita é ainda mais completa que a fala oral, pois, para ser inteligível, exige a explicação plena da situação da qual o sujeito está tratando, exigindo um trabalho mais sistematizado, em que as intervenções dos professores provoquem o aprendizado.

Por tudo isso, a apropriação da linguagem escrita com suas amplas possibilidades, não é simples. Mas, é meio mais eficaz de um indivíduo absorver as máximas potencialidades de abstração da linguagem, independentemente dos discursos construídos por ele serem orais ou escritos. Entre outras palavras, cabe à escola a tarefa básica de ensinar a ler e a escrever aos que nelas ingressam.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1998) evidenciam que para a formação de leitores no ensino fundamental, deve ser considerado as condições favoráveis, não apenas os recursos materiais necessários, mas principalmente o bom uso dos materiais impressos disponíveis. Entre os aspectos ressaltados, se destacam:

Formação de uma biblioteca na escola; Variedades no acervo; Formação de um acervo na sala de aula; Organização de momentos de leitura em que o professor também leia; Planejamento de atividades diárias de leitura; Possibilidades de escolha de obras e gêneros pelos próprios alunos; Garantia aos alunos de não serem incomodados durante a leitura; Possibilidades de empréstimos de livros da escola aos alunos; Estabelecimento de uma política de formação de leitores (Brasil, 1998, p. 44).

O uso da biblioteca como recurso didático se faz necessário, haja vista, o despertar o aluno para a leitura, criando o hábito de ler, sem a existência da obrigatoriedade, naquele tempo de escolher o que se quer ler, por puro prazer. Infelizmente a falta de espaço e de recurso humano, muitas das vezes inviabiliza o oferecimento de uma biblioteca convenientemente instalada.

Felizmente, a boa vontade e criatividade, dos professores e gestores sempre se pode amenizar a falta de uma infra-estrutura. Vai haver dificuldades, mas poderá haver a alternativa de revezamento, de dispor os livros na sala de aula, pois que os alunos trabalham com o mesmo professor e por mais horas.

A leitura, isentando a pesquisa, não deve ser imposta, mas, sugerida, conduzida, despertada. Deixando-a de livre escolha, o aluno vai revelar suas tendências, suas aspirações, seus anseios. Criar no aluno o hábito da leitura, prepará-lo para ler, é, talvez, um dos mais representativos passos do educador, que tem na biblioteca o grande sustentáculo.

2 A INTERAÇÃO ESCOLA/FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Os estudos de Rego (2003, p. 14) evidenciam que a família e a escola são instituições sociais importantes, que atuam diretamente na aprendizagem dos alunos, haja vista, as contribuições e influências sociais, políticas e educacionais, que exercem na formação de um cidadão.

Essas instituições tanto podem ser motivadoras no processo evolutivo dos alunos, transmitindo e construindo conhecimentos culturalmente organizados, como também podem atuar inversamente, castrando ou inibindo o crescimento intelectual, emocional e social, de acordo com a expectativa de cada ambiente.

Neste contexto, cabe a escola, a função de garantir os conteúdos previstos nas matrizes curriculares, ou seja, a instrução e a apreensão de conhecimentos, tendo como preocupação o processo ensino aprendizagem. Diferentemente da família, que centra suas inquietações no processo de socialização, proteção, condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo.

Segundo Polonia e Dessen (2005, p.35) para entender os processos de desenvolvimento e os impactos no aluno, é preciso considerar as inter-relações existentes ou não, entre a escola e a família. As variáveis familiares e escolares podem desencadear problemas de comportamentos antissociais que vão interferir na aprendizagem do aluno.

Entre os problemas que intervêm na aprendizagem estão os relacionados com o baixo desempenho escolar, evasão, repetência, fatores interpessoais (bullying, violência), baixa autoestima, ausência de hábitos de estudos, falta as aulas e problemas de comportamento que se acentuam com o passar do tempo e o descaso de pais e professores (Ferreira; Marturano, 2002).

Em todas essas condições, a família possui uma enorme influência. Neste contexto, embora a escola possa contornar as problemáticas apresentadas no meio escolar, é fundamental que esta conte com a colaboração de outros contextos que influenciam significativamente na aprendizagem formal do aluno, incluindo a família.

O fracasso escolar é atribuído a carga emocional em que o aluno é pressionado, tanto pela família, quanto pela escola. Porém, o insucesso escolar causa insucesso social. Sem aquisições escolares, o aluno fica intimidado de participar eficazmente, do progresso da sociedade.

De acordo com Weisz (2005) o histórico pessoal e familiar do aluno é apontado como uma das principais causas de baixo desempenho escolar, visto que muitos alunos vêm de lares desestruturados, com pais que não acompanham os estudos dos filhos, ou não são alfabetizados.

É importante ressaltar, que nem sempre, o insucesso escolar do aluno, está nas condições pessoais ou familiares. O professor também, pode cometer falhas durante o desenvolvimento. Isto porque, perante os transtornos de aprendizagem como a dislexia¹ ou a discalculia², é preciso notar que há a carência da pedagogia.

A anormalidade, distorção ou a descontinuidade da relação família-escola, podem representar parâmetros etiológicos de grande relevância, especificamente nas desordens da comunicação e nos problemas emocionais primários. Sendo assim, a presença familiar é de inestimável significação durante as dificuldades de leitura e escrita que por ventura venha ocorrer.

2.10 Papel da Família

A leitura e a escrita são aprendizados sociais derivados de costumes e tradições, que geralmente são principiados no meio familiar ou em outros ambientes em que a leitura e a escrita circundam. Em se tratando das obrigações da família perante o aluno, o art. 205 da Constituição Federal (Brasil, 1988) determina que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988, p.60).

1 Dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração.

2 Inabilidade ou incapacidade de pensar, refletir, avaliar ou raciocinar processos ou tarefas que envolvam números ou conceitos matemáticos.

A Lei diz que a educação é um benefício que deve ser ofertado pelo Estado para todas as pessoas, como prática social educativa. O que exprime a exigência que todo cidadão pode fazer em seu favor. Ou seja, é incumbência do poder público o serviço educacional, porém, com a corresponsabilidade familiar, através da promoção e do incentivo, no processo educativo.

Ao determinar a colaboração, o estado reconhece a imensa tarefa da sociedade civil e organizada na formação dos alunos. O que não impede, que a sociedade civil (associações comunitárias, entidades religiosas e organizações não-governamentais), contribuam com o Estado, realizando atividades educacionais.

Esta obrigação pela educação, é o conjunto de finalidades que partem dos princípios de liberdade e de solidariedade, apesar de ser dever da família, ela não pode realizar sozinha, precisando da contribuição do Estado, na formação do cidadão e na qualificação para o trabalho.

Seguindo as disposições da Constituição (1988), o art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN - Lei n. 9394/1996 (Brasil, 1996), diz que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996, p.09).

A LDBEN (1996) normatiza a educação como processo intencional, tendo como função o desenvolvimento do aluno de forma plena, harmônica e progressiva, preparando para a cidadania, mas preocupada com a condição psicológica e dividindo o tempo escolar em dois momentos, um para trabalhar e outro para estudar.

Nessa conjectura, o Estado obriga a família a participar do processo de formação escolar do filho, desde da matrícula no Ensino Fundamental, em idade escolar, zelando pela frequência e articulando com a escola de modo a assegurar meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento, cuidando da aprendizagem com o acompanhamento da escola e dos professores.

A pesquisa de Moraes (2006, p.184) aponta que “as crianças que provêm de ambientes letrados têm mais facilidade em aprender a ler e a escrever do que

crianças provenientes de ambientes não-letrados”, pois, a família possui papel fundamental no desenvolvimento da capacidade de aprender e cabe a ela articular-se com a escola.

Alunos que convivem em ambiente onde não existem informações (revistas, jornais, livros), e que a família não tem o hábito de ler, nem tão pouco o interesse em motivá-la, contribui para que possivelmente, os filhos venham desenvolver dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita.

Segundo Matos (2006, p. 187) a identificação e o reconhecimento precoce das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita são fundamentais no diagnóstico do fracasso ou sucesso escolar, para que se realizem programas reeducativos ou de reforço escolar, que visem à reintegração do aluno, com dificuldades, no processo de ensino formal.

As bases socio afetivas da interação dos filhos com os pais, aumentam as possibilidades do desenvolvimento eficaz na aprendizagem do aluno, porém, os pais, nem sempre percebem a influência que exercem como primeiros “professores”, mas são eles que direcionam os modelos adequados.

Quando o ambiente sócio familiar favorece o desenvolvimento adequado e qualitativamente estimulado, o aluno tem a tendência de envolver-se com atividades que despertam a aprendizagem da leitura e da escrita, mas inversamente, em ambientes frustrantes, com pouca ou nenhuma estimulação e interação, é obvio que as aptidões do aluno para a leitura e escrita, não atingiram maturação, exigindo procedimentos escolares para a superação das dificuldades oriundas da despreocupação ou da falta de conhecimento familiar.

Infelizmente, na maioria das vezes, os filhos de pais sem preparo para a leitura e a escrita, têm pouco contato com livros, revistas jornais, ou outro material de leitura, portanto, devem ser ofertados para manuseios, tais materiais, mas com orientações e estímulos adequados.

O exemplo familiar, auxilia o aluno em casa. Desta forma os pais devem ler para os filhos, jornais, revistas e livros que lhe despertem interesse. Entre as atividades que os pais podem realizar para contribuir na aprendizagem da leitura e da escrita estão: o uso e apoio de régua ou marcador para seguir a leitura; grifar com caneta colorida os itens principais para serem lembrados; perguntar para verificar

sua interpretação; determinar um tempo para fazer a lição; montar calendário com as atividades. Essas são atitudes que facilitam o processo de aprendizagem.

Além das atividades escolares, os pais necessitam estar atentos para a valorização da autoestima de seus filhos. Deste modo, a família deve elogiar, encorajar, falar das características positivas que diferenciam ele dos outros. Quando tentar fazer algo que considera difícil, encorajá-los a não desistir; não depreciar seus acertos; tranquilizar e ressaltar sua esperteza e sua inteligência, para que possa desenvolver suas habilidades.

As pesquisas de Zuanetti e Fukuda (2012) assim como de Furtado e Borges (2007) evidenciam que quanto melhor for influência familiar para com o aluno, maior será a estimulação advinda do ambiente social e emocional em que convive, principalmente no início da vida escolar. A relação positiva por meio da interação com os pais e irmãos, permite satisfazer as necessidades individuais, aprendendo a controlar seus sentimentos e aceitar os demais.

Ao chegar no ambiente escolar com experiências vividas na família, ela continuará seu aprendizado com a experiência do outro, que agora divide o novo espaço social, tendo uma visão dos conhecimentos, comparados a nova realidade em que vive. Desta forma, as experiências positivas serão relevantes na interação, porém as negativas causaram dificuldades, seja nos relacionamentos ou na própria aprendizagem.

Como observado, normalmente, surge o primeiro contato da criança com a leitura e a escrita dentro da família, entretanto, numa sociedade em que a maioria dos pais trabalham fora e não teve acesso, o tempo para dedicar-se a formação de seus filhos é cada vez menor. Então resta a escola a responsabilidade de desenvolver estas habilidades em seus alunos, interferindo decisivamente no aprendizado.

2.2 O Papel da Escola

Quando um aluno não concretiza a aprendizagem é por não se interessar pelo conteúdo transmitido pelo professor ou, por apresentar um distúrbio comportamental ou de aprendizagem?

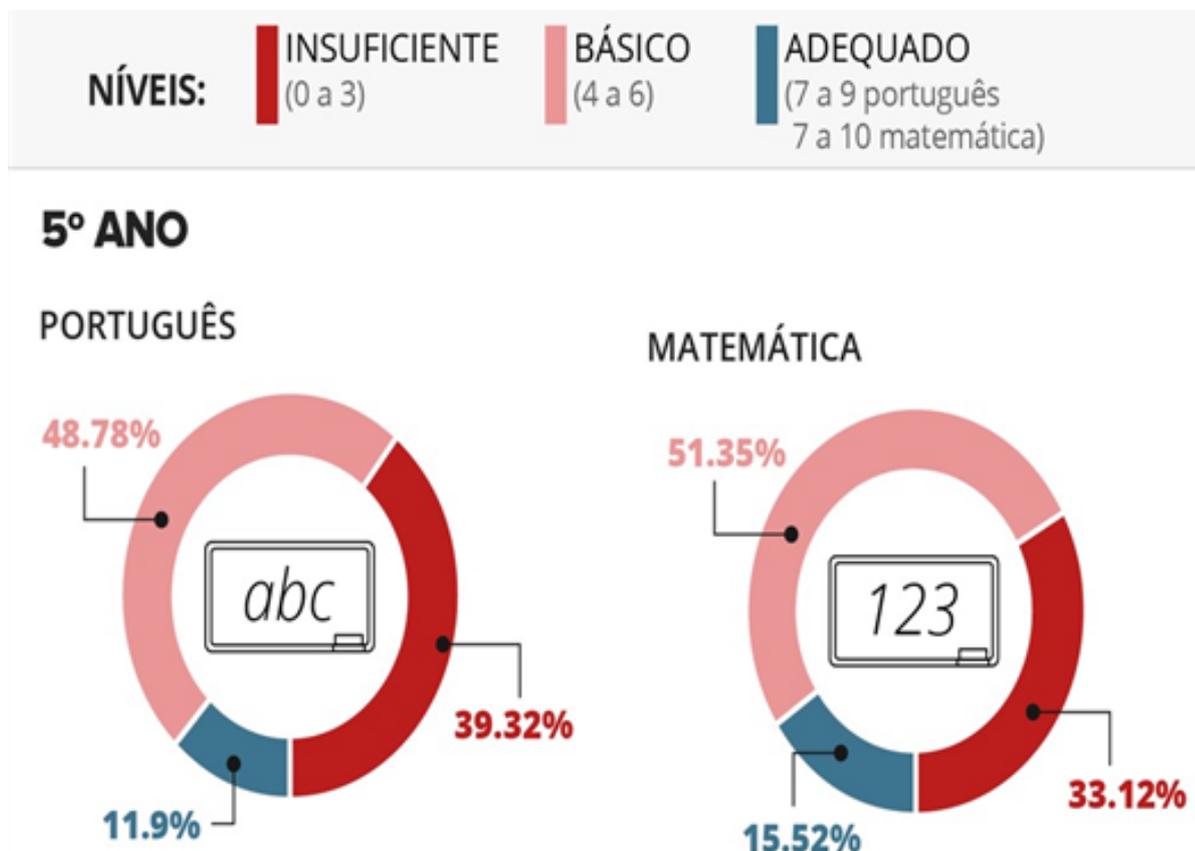
Os estudos demonstram que são inúmeras dúvidas que surgem sobre como analisar o fracasso escolar de um aluno, isto é, a quem atribuir a culpa pelo insucesso do aluno com dificuldades de aprendizagem.

A pesquisadora Maria Lucia Weiss, destaca o ambiente escolar como principal responsável pelo insucesso do aluno na aprendizagem da leitura e escrita (Weiss, 2004, p.46). em consonância com as reflexões das autoras, dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), mostra que o ensino fundamental avançou.

O Saeb é a avaliação utilizada pelo governo federal a cada dois anos, para medir a aprendizagem dos alunos ao fim de cada etapa de ensino. O sistema é composto pelas médias de proficiências em português e matemática extraídas da Prova Brasil, e pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) que ainda não foi divulgado. O índice considera o universo total de escolas públicas e privadas

Os resultados da Prova Brasil de 2017, divulgados pelo MEC indicam que 05 de cada 10 alunos do ensino fundamental dos anos iniciais têm nível básico em português e matemática. Sendo que 48,78% em português e 51,35% em matemática, com nível de insuficiência de 39,32 em português e 33,12 em matemática (FOREQUE, 2018). Os resultados podem ser analisados no Figura 02:

Considerando que todos os alunos são diferentes, em capacidades, motivações, interesses, ritmos evolutivos, estilos de aprendizagem, situações ambientais, entre outros fatores.

Figura 02: Percentuais em nível de proficiência e português e Matemática

Fonte: Inep/MEC – Infográfico elaborado em 2018

E tendo a compreensão que todas as dificuldades de aprendizagem são contextuais e relativas, é necessário ponderações diante do processo de interação ensino/aprendizagem.

No Amapá a avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep, 2015), aponta que os anos iniciais do ensino fundamental, ficou na penúltima colocação com a nota 4.5, atrás do Pará. A meta amapaense era de 4.6 (Miragaia, 2016).

Os índices demonstram que as dificuldades na aprendizagem ocorrem em diversas situações, porém, é no contexto escolar que se torna mais explícito, haja vista, a escola trabalhar a operacionalidade do conhecimento. Contudo, deve-se ter em vista que, associada ao sistema sócio-político, econômico, ela reflete e reproduz a ideologia da sociedade na qual está inserida.

Nessa perspectiva a aprendizagem da leitura e escrita da escola, vai está intimamente ligada à intencionalidade e ao modo pelo qual a informação chega ao aluno, determinando a qualidade ou não do ensino (Stefanini; Cruz, 2006 p. 90).

Para Reyes (2012, p.41) especialista colombiana em fomento à leitura e formação de leitores, ressalta que a escola tem que rever as barreiras entre “a linguagem da Educação e a linguagem da vida cotidiana”, a pesquisadora descreve como por exemplo, as ligadas à internet e à televisão. Ela explica que “o mundo se abriu e a escola precisa considerar isso, integrando as novidades à sala de aula”. Para ela, esta ação permite conhecer o aluno, se aproximar e falar a mesma linguagem, continuando suas reflexões, enfatiza:

Não se pode entender um garoto de 15 anos sem considerar a tecnologia que ele domina? É necessário desenvolver um intercâmbio. Os adolescentes têm muito o que ensinar sobre como navegar na internet, onde encontrar conteúdos interessantes e de que forma aproveitar o máximo as funcionalidades de um celular (Reyes, 2012, p.41).

Nesta concepção, para ler e escrever é necessário construir significados. Uma das possibilidades mais ricas para este processo, é o trabalho conjunto da escola com o professor, relacionando o ensino da leitura e da escrita às vivências culturais do ambiente do aprendiz.

Utilizando-se de outro exemplo, há o cotidiano da vida na zona rural, onde a criança que convive com cultura de valorização da natureza, do trabalho familiar na agricultura, poderá se utilizar da temática, como um eixo fundamental na construção da escrita.

O problema é que nem todas as escolas proporcionam uma biblioteca, livros a disposição ou desenvolva alguma atividade que proporcione a vivência da leitura com o habitar. Como agravante, é do fato que nem todos os professores leem, e para formar leitores é preciso, antes de mais nada, ser um leitor.

Segundo Reyes (2012, p.41) é necessário repensar o modelo tradicional de biblioteca onde há: o canto dos livros, canto do computador (quando há) e do professor ou bibliotecário responsável pela biblioteca. Faz-se necessário desenvolver atividades motivadoras, que despertem e prendam a atenção das crianças e não apenas se contentar em atender às necessidades, mas inovar, mostrar outras possibilidades que a leitura oferece na vida de cada um.

De acordo com os Parametros Curriculares Nacionais – PCN’s (Brasil, 1998) a escola “deve organizar-se em torno de uma política de formação de lei-

tores”. Nestes termos, os PCNs (1998) orientam o professor a permitir que os alunos escolham suas leituras, pois extra escola, eles escolhem o que leem. É preciso ser desenvolvida na escola a leitura livre, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás. (Brasil, 1998, p.17).

As atividades de leitura no dia a dia da sala de aula, estão correlacionadas a ler em voz alta e fazer perguntas de compreensão do texto, não ensinando de fato a ler. De tal forma, algumas tarefas específicas podem ajudar e cabe ao professor planejar aulas, de acordo com a realidade e a necessidade dos seus alunos.

É importante destacar, que nas escolas há alunos que apresentam dificuldades para integrar-se e aprender, possuindo ou não limitações no desenvolvimento, precisando de apoio e atendimento pedagógico curricular e acompanhamento próximo da proposta pedagógica da escola, não abrindo mão de prover meios, para a recuperação dos alunos de menor rendimento ou em atraso escolar.

2.3 O Papel do Professor

As dificuldades na leitura e na escrita é uma adversidade continuada nas escolas, seja nos anos iniciais, finais ou ensino médio. É uma temática que exige atenção de todos os professores, independente de nível ou disciplina. Assim sendo, é necessário que o professor tenha conhecimento sobre o assunto e reconhecer que o obstáculo é transitório e que a sala de aula é o ambiente onde deve-se trabalhar para superá-la.

A Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2016, apontou que 67% da população, não tiveram em suas vidas uma pessoa que incentivasse a leitura; 33% tiveram influências da mãe; 11% de alguém do sexo feminino e apenas 7% atribuiu a motivação aos professores.

A pesquisa trouxe para seu rol, os professores, que foram indagados entre outros aspectos, sobre o último livro que leram e 50% responderam nenhum, 22% a Bíblia, os demais foram diversificados. Entre os 7 autores mais lembrados, os docentes citaram: Augusto Cury, Chico Xavier, Gabriel Garcia Márquez, Paulo Freire, Benny Hinn, Ernest W. Maglischo e Içami Tiba (Rodrigues, 2010).

Neste contexto, os professores não percebem onde o aluno parou de aprender ou foi interrompido nas construções lógicas, uma vez que, eles próprios não possuem o hábito. Surgindo assim, as dificuldades de aprendizagens na sala de aula e em casa, por também não terem, na maioria das situações, acompanhamento dos pais. Como resultado, os alunos não se superam na aprendizagem e muitos professores, passam a ver estas crianças como “fardos”.

A contribuição do professor no desenvolvimento da leitura e da escrita é percebida quando eles buscam formas interessantes de ensinar aos alunos, sendo mediador do conhecimento, motivando-os cada vez mais a aprenderem. A mediação do professor é muito importante, pois, favorecerá a compreensão.

Para que o aluno se sinta incluído neste momento, o professor precisa oferecer tarefas prazerosas e proporcionar aos alunos a familiaridade com diversos gêneros textuais, onde irão analisar, comparar, interpretar, sistematizar o aprendido de forma reflexiva. De acordo com Freire:

O professor só ensina verdadeiramente, na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se aproxima dele, em que o apreende. Neste caso, ao ensinar, o professor re-conhece o objeto conhecido. Em outras palavras, re-faz sua cognoscitividade na cognoscitividade dos educandos (Freire, 2007, p.47).

Nessas circunstâncias, o professor atua como mediador, porém, antes de tudo ele deve ser um leitor. Precisa ler para os alunos, ler com eles e saber ouvir com entusiasmo as leituras dos textos que eles próprios produzem e escolhem para ler.

No começo da escolarização com o intuito de que os alunos aprendam a ler e a escrever com melhor qualidade, é necessário que tenham acesso a diversidade que existe de leituras, utilizando a escrita em diferentes contextos. Desta forma, será possível afirmar e oferecer várias oportunidades para que eles se sintam motivados e autônomos nesse processo de aprendizagem.

É válido lembrar. Que o ser humano não nasce com dificuldades escolares, porém, estas surgem no decorrer do processo ensino aprendizagem como obstáculos a serem enfrentados durante a aquisição da leitura e escrita.

Estudos realizados por Almeida (2011), Freire (2007), Solé (2008) e Ramos (2012) mostram que as dificuldades de leitura e escrita afetam não apenas a aprendizagem, como também, a autoestima do aluno. Nesta conjectura, os autores afirmam que as atitudes do professor em sala de aula pode ser o diferencial, pois este deve atuar com determinação na superação do obstáculo, deve evitar transmitir aflição e agonia.

É fundamental que o aluno compreenda o porquê das suas dificuldades e perceba que o professor entende e vai ajudar na superação, buscando práticas pedagógicas adequadas para orientar e facilitar o entendimento e o aprendizado, tendo sempre em mente que a afetividade, a inteligência e o desejo se articulam pedagogicamente nas interações professor-aluno, onde se apresentam faltas e carências, mas “construindo, pensando, desejando, novas e infinitas possibilidades” (Almeida, 1993, *apud* Dell’Agli 2008, p. 120).

Desta forma, a leitura e escrita são os maiores desafios das escolas, visto que quando estimulada de forma criativa, possibilita a redescoberta do prazer de ler, contribui para a utilização da escrita em contextos sociais e a inserção da criança no mundo letrado, pois são atividades que se complementam, uma vez que, os bons leitores têm grandes chances de escrever bem, já que a leitura fornece a matéria-prima para a escrita.

Destarte, que a formação de leitores e escritores exigem qualidades nas ações, para que esse prazer seja despertado e motivado, é relevante que o professor seja um entusiasta da leitura e da escrita, assim, as chances de trazer o aluno para este universo serão mais favoráveis, haja vista, ele próprio ser um referencial.

De tal forma, algumas tarefas específicas podem ajudar e cabe ao professor planejar aulas, de acordo com a realidade e a necessidade dos seus alunos para maior aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem. Entre as atividades sugeridas pelos PCNs (1998) destacam-se:

organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia; planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importân-

cia que as demais; possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras; garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões (Brasil, 1998, p.44).

A formação de excelentes leitores e escritores exige uma prática pedagógica dia a pós dia, com leituras silenciosas, individuais, ou em voz alta (individualmente ou em grupo), ou pela escuta de alguém que lê (alunos ou o professor), sendo a escrita um acompanhamento destes exercícios.

É relevante que pais e professores estejam envolvidos com o aluno, disponham de atenção à consciência afetiva que o aluno experimenta, realçando as ideias principais, lembrando informações, lendo com cuidado e com entonação, fazendo pausas, respeitando o ritmo (Mata, 2008, p.85).

Neste sentido, um professor aficionado pelo processo de aprendizagem da leitura e escrita, é capaz de tornar seu aluno um leitor e escritor que sabe construir dinamicamente a acepção de um texto, de acordo com os objetivos da leitura.

3 CAUSAS DAS DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA

Estudos demonstram que entre as principais causas de dificuldades na Educação Básica, estão relacionadas ao atos de ler e escrever. Esses motivos são frutos de constantes pesquisas, tanto para quantificar, como para qualificar os problemas relacionados a temática.

Na busca de entender os motivos e promover soluções, a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), no ano de 2016, apontou que metade dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da rede pública, possuem níveis de leitura insuficientes, e na escrita, mais de um terço estão defasados (Fajardo; Oliveira, 2017).

As dificuldades de aprendizagem mostram-se de forma variada em cada aluno, podendo está relacionado aos aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, familiares, sociais, pedagógicos, falta de material, de estímulos, baixa autoestima, problemas patológicos, são questões que podem desencadear o problema.

Isoladamente, esses aspectos interferem na aprendizagem, porém quando estão intrínsecos influenciam devastamente no desenvolvimento intelectual e na absorção das aprendizagens, podendo ocasionar o fracasso escolar do aluno.

Posto que, os alunos participantes do ANA (2016), estavam diariamente na escola, mas que mesmo assim, não desenvolveram o aprendizado de forma adequada, pois, alguns decifrou os códigos, mas não interpretou o que leram, outros escreveram, contudo, com erros basilares de ortografia e gramática.

O estudo foi realizado com 2 milhões de alunos, sendo que destes, 55% tiveram suas competências e habilidades insuficientes na leitura e 34% na escrita. Os resultados demonstraram que os alunos têm dificuldades que vão desde escrever palavras com alguma correspondência até cometer erros de ortografia (Fajardo; Oliveira, 2017).

Entre os 45% que possuíam conhecimento adequado a idade, 13% tinham o conhecimento desejável, ou seja, estavam no topo da escala, isto significa, que de acordo com a avaliação, estes alunos apresentavam as competências e habilidades para reconhecer os participantes de um diálogo em uma entrevista fictícia, por exemplo.

A despeito dos índices calamitosos da aprendizagem nos anos fundamentais, a prova apontou que houve uma pequena modificação nos números, em relação a última edição, de 2014. Na época, o índice de alunos com conhecimento insuficiente na leitura era de 56%.

Os resultados da prova ANA (2016) apontam os problemas, advindos de dificuldades variáveis. A escola e os professores geralmente atribuem os problemas a fatores correlacionados ao próprio aluno ou a família. Porém, as pesquisas de alguns estudiosos da área, apontam a escola como culpada, mais precisamente os professores.

De acordo com o Mestre Jaime Luiz Zorzi, em entrevista a Revista Nova Escola (Ferrari, 2006, p.24), afirmou que “o sistema de ensino leva os professores a não distinguir entre as próprias limitações e as dos alunos”. Para o autor, parte dos problemas ditos como distúrbios da aprendizagem, são falsos, trata-se apenas da falta de ajuste entre características do aluno e metodologias utilizadas.

Assim sendo, apresentar alguma dificuldade na leitura e na escrita, não significa afirmar que o aluno possui alguma perturbação global da inteligência ou da personalidade, ou de qualquer anomalia sensorial (auditiva, visual ou tátil-quinestésica) ou motora.

A falta de informação sobre as dificuldades da leitura e da escrita nas escolas agravam o desconhecimento e preparo profissional dos professores para que estes possam identificar as causas para trabalhar práticas pedagógicas adequadas com os alunos que por ventura apresentem dificuldades, ou no encaminhamento aos serviços especializados, no caso de se tratar dos distúrbios.

As pesquisas de Jacob e Loureiro (1996) e Weiss (2004), ameniza a culpa da escola e do professor, enfocando como culpado os determinantes sociais, da escola, mas também do próprio aluno, quer dizer, ligada a fatores internos (cognitivos e emocionais) e a fatores externos (culturais sociais e políticos).

Neste contexto, faz-se necessário mensurar “o porquê de não aprender”, o que requer habilidades e competência para mediar a dinâmica de interação entre professor, aluno, conhecimento e as práticas didático pedagógicas, a organização do tempo e espaço intraescolar e extraescolar.

Segundo José e Coelho (2006), as causas das dificuldades podem ser de natureza:

Orgânicas: cardiopatias, encefalopatias, deficiências sensoriais (visuais e auditivas), deficiências motoras (paralisia infantil, paralisia cerebral, etc.), deficiências intelectuais (retardamento mental ou diminuição intelectual), disfunção cerebral e outras enfermidades de longa duração. - **Psicológicas:** desajustes emocionais provocados pela dificuldade que a criança tem de aprender, o que gera ansiedade, insegurança e autoconceito negativo. - **Pedagógicas:** métodos inadequados de ensino; falta de estimulação pela pré-escola dos pré-requisitos necessários à leitura e à escrita; falta de percepção, por parte da escola, do nível de maturidade da criança, iniciando uma alfabetização precoce; relacionamento professor-aluno deficiente; não domínio do conteúdo e do método por parte do professor; atendimento precário das crianças devido à superlotação das classes. - **Socioculturais:** falta de estimulação (criança que não faz a pré-escola e não é estimulada no lar); desnutrição; privação cultural do meio; marginalização das crianças com dificuldades de aprendizagem pelo sistema de ensino comum (José; Coelho, 2006, p.54, grifos nossos).

As causas das dificuldades enumeradas pelos autores, exige que, antes de avançar, é necessário diferenciar o aluno com dificuldades de aprendizagem, daquele que experimenta problemas de aprendizagem por razões culturais, socioeconômicas, de aprendizagem e integração pedagógicas inadequadas ou deficiência diagnosticada.

3.1 Etiologia das Dificuldades

A etiologia das dificuldades pode ser dividida em dois níveis: endógeno e exógeno. O primeiro, diz respeito aos fatores hereditários e a influência em termos de desenvolvimento. Segundo Gómez e Terán (2008, p. 97) são os aspectos neurobióticos, ou orgânicos, e psíquicos, referentes ao Sistema Nervoso Central (SNC).

No segundo, estão relacionados a influência das oportunidades e das experiências multissensoriais, para além das necessidades de segurança, afeto, interação lúdica e linguística, responsabilidade e independência pessoal, ou seja, são os aspectos sociais e o “como se aprende”. Contudo, deve-se ter sempre em mente, que fatores externos e internos são interativos (Gómez; Terán, 2008, p. 98).

As dificuldades encontradas pelos alunos, segundo Romero (2004) podem ser qualificadas como generalizadas, por afetar quase todas as aprendizagens,

sejam da escola ou extraescolar, e como graves por afetarem diferentes aspectos do desenvolvimento (motores, linguísticos, cognitivos, etc.), geralmente como consequência de uma lesão ou de um dano cerebral manifesto, observável, ou de alguma alteração genética. E por último como permanentes, onde o prognóstico de solução da dificuldade é pouco favorável.

De acordo com o autor, em outras ocasiões as dificuldades são consideradas inespecíficas, porque não afetam o desenvolvimento, de modo a impedirem alguma aprendizagem em particular. Nem se quer se fala delas em termos de leve gravidade (muitas vezes, nem como dificuldades) e, embora algumas pessoas costumam dizer de si mesmas que não servem para esta ou aquela aprendizagem (por exemplo, para a matemática), não há nenhuma razão intelectual que justifique; ao contrário, a causa pode ser instrucional e/ou ambiental com uma influência sobre as variáveis pessoais, tais como a motivação, que poderia ser evitada e solucionada com relativa facilidade do ponto de vista de análise técnica psicopedagógica (Romero, 2004). Romero (2004) ainda descreve um nível intermediário de dificuldades, que são as caracterizadas como específicas, porque afetam exclusivamente determinadas aprendizagens escolares (como por exemplo a da leitura, a da escrita ou a da matemática) e como leves, já que, além de não implicar deterioração intelectual, os aspectos psicológicos afetados são poucos (por exemplo, o desenvolvimento fonológico, a atenção sustentada, ou a memória de trabalho) e suas consequências podem ser solucionadas mediante intervenção psicopedagógica.

Ainda sobre as causas que interferem na aprendizagem estão os transtornos de atenção. Em decorrência da atenção ser condição fundamental para o funcionamento dos processos cognitivos, haja vista, a necessidade da disposição neurológica para a recepção dos estímulos até a resposta motora (Gómez; Terán, 2008, p. 134).

O sistema cognição é formado pelo pensamento, onde se concentra as ideias e a capacidade de reflexão sobre os diversos conhecimentos e percepções. Também fazem parte desta organização as propriedades relacionadas com a aprendizagem, imaginação, atenção, memória, linguagem, raciocínio, discurso, tomada de decisões, etc., que fazem parte do desenvolvimento da criança.

Assim sendo, para absorção de novos saberes, faz-se necessário a estimulação através dos diferentes sentidos, sem estímulo, não há aprendizagem ou experiência. A habilidade de processar as informações através da percepção, dos conhecimentos adquiridos pela experiência e as características subjetivas, dão condições de integrar, avaliar e interpretar o mundo. Não obstante, mas que pode causar sérios problemas e que acompanha os alunos com dificuldades para aprender é, a baixa autoestima.

3.2 Tipos de Dificuldades

Todo ser humano nasce com uma tendência nata para a aprendizagem e a construção do conhecimento, visto que, de acordo com Bossa (2000, p. 11), são processos naturais e espontâneos do desenvolvimento humano e, se não estão ocorrendo, há algo que precisa ser corrigido. Assim sendo, é preciso conhecer a causa do problema para resolvê-lo.

A princípio, é considerável destacar que os vocábulos “deficiência” e “dificuldades” de leitura e escrita podem configura-se como estigma, colocando o aluno no lugar de não saber, de não ter competência e habilidades para realização das atividades.

Deve-se ter a ciência que antes da “deficiência” e das “dificuldades” há um aluno, uma criança capaz de aprender do seu modo e com habilidades, muitas vezes além das qualidades incomuns, é necessário que a escola e professores valorize este conhecimento.

Em se tratando das dificuldades em aprendizagem, Dockrell e Mcshane (2000), explicam que a melhor forma de identificar o problema é por meio do sistema etiológico, isto é, com base nas causas. Sendo assim, eles, distinguem dois grupos de crianças:

as com desenvolvimento intelectual significativamente abaixo da média, consideradas lentas, ou deficientes mentais; e aquelas com desenvolvimento intelectual normal, mas que apresentam dificuldades específicas em alguma tarefa concreta, como a leitura (Dockrell; Mcshane, 2000, p.29).

Para os autores, há alunos que possuem deficiência decorrentes de problemas neurológicos relacionados à falha na aquisição, processamento, ou armaze-

namento da informação, envolvendo áreas e circuitos neuronais específicos, em determinado momento do desenvolvimento. Não sendo passageiros e que precisa de intervenções pedagógicas diferenciadas, pois quando devidamente trabalhadas por especialistas, podem ser reduzidas ou compensadas.

Os demais alunos, de acordo com os autores possuem dificuldades, baixo rendimento escolar, podendo ser decorrentes de falta de interesse, desmotivação para estudar, preguiça, distração, mal nutrição, falta de reforço, estímulos.

Segundo Almeida (2011), as dificuldades de aprendizagem do aluno, não têm sua origem somente nas características pessoais do aluno, envolve também os fatores relacionados ao meio familiar, à escola e ao meio de convivência.

Neste contexto, as habilidades necessárias para compreensão da leitura, organização e retenção da informação e na interpretação de textos, são lentas ao processar informações, apresentam estratégias pobres para escrever, problemas de organização espacial e muita distração o que acarreta dificuldade de comunicação e hábitos ineficientes de estudo (Jardim; Thimóteo; Moreno, 2006).

A visão de Kincheloe (1997) sobre as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a:

Um atraso, desordem ou imaturidade num ou mais processos: da linguagem falada, da leitura, da ortografia, da caligrafia”. São dificuldades resultantes de uma disfunção cerebral ou distúrbios de comportamentos, e não dependentes de uma deficiência mental, de uma privação cultural ou de um conjunto de fatores pedagógicos (Kincheloe, 1977, p.244).

Desta forma, alunos com dificuldades, não são deficientes, nem desprovido ou privados culturalmente. Eles possuem outras habilidades e facilidades para aprender, permitindo a compensação e a superação das dificuldades iniciais, apesar das rotulações, eles não são “burros”, pois alcançam sucesso em sua vida social e profissional desde que recebam a atenção e orientações necessárias.

Diferentemente, o conceito de incapacidade, que inclui problemas de gravidade variável, exprime uma desorganização funcional de atividade anteriormente bem integrada e utilizada. Englobam distúrbios provocados por lesões em zonas secundárias do cérebro, responsáveis por funções simbólicas e práticas superiores, resultando em incapacidade de distinguir (analisar e sintetizar), dife-

reenciar capacidades, ordená-las e conservá-las e/ou controlar, regular e reprecisar interferência, em “feedback” com aferências.

Conseqüentemente, as dificuldades de aprendizagem são problemas de responsabilidade da família, escola e professores, é importante, que todos os envolvidos no processo educativo estejam atentos, observando se as dificuldades são passageiras ou se persistem por longo prazo. Descobrir o problema o quanto antes, pode auxiliar o desenvolvimento no processo educativo, evitando prejuízos na aprendizagem.

O diagnóstico necessita de análise dos fatores orgânicos emocionais e ambientais. A coleta de informações precisas e confiáveis sobre a competência do aluno é importante para a investigação. Pode ser realizado por provas formais de habilidades e sucesso acadêmico que demonstrem alteração ou atraso de aprendizagem do aluno. A fim de dá veracidade, o contexto no qual o sujeito está inserido, deve ser considerado. As informações sobre o desenvolvimento normal, são responsáveis pelas orientações sobre onde reside o problema do aluno (Silva, 2008).

Os distúrbios como a dislexia, disgrafia, disortográfica, discalculia e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, são alterações ou perturbações na aquisição do conhecimento. destarte, que o diagnóstico só poderá ser feito por uma especialista, uma vez que o problema é visto como “doença” ou “disfunção”, o que foge da competência e das habilidades do professor um pro diagnóstico.

Para o diagnóstico, faz-se necessário, uma equipe multidisciplinar, em que cada profissional terá um papel específico e confluyente. Entre os especialistas destacam-se: médicos, fonoaudiólogos, psicólogos e psicopedagogos.

As dificuldades associadas às causas pedagógicas (não orgânicas) são demarcadas pelo uso equivocado de procedimentos pedagógicos em grupos de alunos incapazes o ou com limitações para acompanhá-los, são competências da escola e do professor, buscar soluções.

É importante ressaltar, que as dificuldades para aprender a ler, são maiores do que a de aprender a falar, haja vista, o apoderamento do sistema de leitura está intrínseco a apropriação da fala, conseqüentemente, uma hierarquização

de sistemas (Fonseca, 1995). Considerando a leitura e a escrita como auxiliares da língua, a aprendizagem depende do conhecimento da língua em que se aprende a ler.

Para Cruz (2009) as dificuldades na aprendizagem da leitura advêm da falta de domínio das seguintes dimensões: cultural (não apreendeu as funções e finalidades da leitura); linguística (falta de domínio e funcionamento do código escrito) e estratégica (não sabem o que precisam se fazer para ler).

A escrita tem seu início de desenvolvimento, antes mesmo de ingressar na escola, com experiências vividas no meio social e familiar. Porém, ao entrar na escola, percebe-se uma função ainda não explorada, e com ela, o surgimento das dificuldades na escrita (disgrafia) e, pode ir desde erros na soletração até falhas na sintaxe, estruturação ou pontuação das frases, ou na organização de parágrafos (Cruz, 2009).

Como citado anteriormente, as dificuldades de leitura estão relacionadas a nível da decodificação, onde os erros sucessivos são relacionados na leitura de: letras, sílabas e palavras, leitura lenta, vacilações e repetições.

Em se tratando das leituras letras, Cruz (2009) refere-se as “substituições, trocas inversões, alteração da posição, rotações de grafia parecida, omissões dentro da palavra, adições dentro da palavra”. O autor cita também os erros na leitura de sílabas e palavras, ou seja, “substituições de sílabas e de palavras, a nível linguístico e de significado, inversões silábicas, quando existem dificuldades de memória visual e auditiva ou dificuldades em seguir a orientação, no sentido esquerda-direita”.

Sobre as omissões, ele aponta como a mais frequente, a pontuação, conduzindo o aluno a uma leitura sem as pausas e as entoações necessárias. Entretanto, ele ressalta como outras omissões, as que ocorrem em nível silábico, especialmente, no final das palavras, e, até ainda, ao nível das palavras.

Segundo Ferreiro (2002, p.10), “a escrita pode ser concebida como um sistema de código e de representação. Como código, os elementos já vêm prontos e como representação, a aprendizagem se constitui em uma construção pela criança”. Conforme Luria (2003, p.65) afirma, “a criança precisa entender que a escrita, é um sistema simbólico, de representação da realidade, que não tem sig-

nificado em si, mas representa um outro contexto”.

Todavia, a identificação das palavras é pré-condição para a libertação da memória de trabalho com vista a ocupar-se de outros processos, envolvidos na compreensão, análise sintática e integração semântica das frases na organização do texto. Desta forma, os conhecimentos prévios sobre o conteúdo do texto são fatores facilitadores no acesso ao significado (Morais, 2006).

No início da aquisição da escrita, a motricidade fina, a capacidade de atenção e de discriminação visual e auditiva, e os avanços na compreensão da relação entre grafismo e linguagem são fundamentais para o aprendizado. A motricidade fina tem papel crucial no domínio das letras e palavras como formas gráficas.

De acordo com Rebelo (1993, p.43) os alunos que vão para a escola sem nenhuma prática com o uso do lápis, tendem a ter uma coordenação visomotora não desenvolvida, o que conduz a dificuldades na execução correta das letras. A sequencialidade da ordem esquerda-direita e antes/depois são cruciais para o aluno escrever, caso contrário, tomará como equivalentes imagens em espelho ou inversões sem saber o que fez.

Assim sendo, o aluno deve diferenciar o grafismo dos desenhos e o da escrita, o que só acontece com as experiências escolares. Os alunos que não conseguem atribuir finalidades à escrita, nem observar os benefícios, poderão ter dificuldades no processo de aprendizagem da escrita. Entre os problemas comuns na aprendizagem da escrita de acordo com Garcia (2001) estão:

Nas letras muito largas, pequenas demais ou de tamanho variável; uso incorreto de letras maiúsculas e minúsculas; letras sobrepostas umas às outras; espaçamento inconsistente entre letras e alinhamento errado; dificuldade de fluência na escrita (Garcia, 2001, p. 207).

O pesquisador ainda ressalta, que há também, alunos com escrita espelhada, intercâmbio de letras e atrasos na escrita. No problema da escrita em forma de espelho, ele explica que o aluno ainda não detém a representação dos grafemas, faltando-lhe a fixação motora.

Em se tratando do intercâmbio de letras, evidencia que o mesmo acontece quando sabe-se as letras que formam a palavra, mas não a forma correta na escrita. A dificuldade, está na construção da palavra, na aprendizagem das regras

fonema/grafema e grafema/fonema. Para essas dificuldades, sugere-se práticas pedagógicas adequadas de memorização.

Quando a dificuldade estiver relacionada ao atraso na escrita, o estudioso do assunto, aponta como causas, a escolarização inadequada, pouca motivação ou baixa inteligência no ambiente familiar. São os casos, que o autor evidencia ocorrem um contexto social de pouca cultura e criatividade para o desenvolvimento do aluno. E por último, enumera o processo motor, tais como:

confusão de letras maiúsculas e minúsculas, de diferentes tipos de escrita, adições ou omissões de letras, desenhos de letras inadequadas, grafemas grandes ou muito pequenos, desproporção entre as letras, linhas inclinadas, espaços excessivos, amontoamento de letras e palavras e não respeito às margens, também são exemplos de dificuldades (Garcia, 2001, p. 208).

A dificuldade neste caso, se relaciona com a grafia e a organização espacial da escrita, cuja as quais o aluno ainda não apresenta domínio. A intervenção em todos os casos, vai variar conforme a necessidade individual de cada um, tendo em vista que o objetivo do ensino deve ser a conquista de todas as habilidades.

3.3 Práticas Didático Pedagógicas

Aprender a ler e escrever sem dificuldades, para muitos alunos, demonstram ser processos lentos com obstáculos difíceis de ultrapassar. Assim, faz-se necessário ambientes que promovam a absorção de conhecimentos. Segundo Mata (2008) devem ser ricos em oportunidades, promovendo o contato e a exploração, que estimule e incentive a utilização e a reflexão sobre o que se ler e escreve.

Em busca de práticas didático pedagógicas, o professor deve considerar que o aluno é um ser biopsicossocial, que está sempre em transformação, pois vive submetido há um processo constante de aprendizagens, construindo ou transformando conhecimentos, seja na escola, rua, nos grupos de socialização ou na família.

Segundo Mata (2008), o professor precisa proporcionar aos alunos atividades de integração entre a leitura e a escrita, com a disponibilização de recursos na sala (textos literários, gibis, notícias de jornal, textos informativos de diversas áreas) e promoção de motivação, estímulos para o manuseio dos mesmos.

A autora enfatiza um espaço de leitura descomprometido, sem o peso do dever, da obrigatoriedade e da nota, mas que estimule a exploração de textos variados, com objetivos diferenciados, de forma que a leitura seja uma fonte prazerosa e significativa. A prática do professor deve ser de estímulo à responsabilidade social, mobilização para reconhecimento do potencial.

Deste modo, os professores, principalmente do ensino fundamental, têm como principal desafio o desenvolvimento das habilidades e competências para a leitura e escrita, através de atividades significativas que atendam a heterogeneidade da turma e promova a cidadania.

De acordo com Freire (2010) a função pedagógica implica em quem aprende o que, como, onde e isto é constituído da interação pedagógica. Sendo assim, a leitura e a escrita sem função, perde o sentido e até faz desaparecer no aluno o desejo de ler e escrever.

Ler e escrever para cada aluno, tem a tendência de ser mais fácil, se estes conhecimentos forem articulados com as experiências anteriores, convivência cultural, isto é, o professor deve levar para sala de aula uma proposta curricular que se aproxime da realidade de sua clientela.

Como se observa, as aprendizagens não são realizadas descompartilhadas ou segmentadas, mas de modo integrado e contextualizado. Segundo Mata (2008) há a necessidade de mobilizar as diferentes funções da linguagem escrita e falada, tanto na resolução de situações reais como em jogos ou brincadeiras, o professor deve demonstrar interesse pela funcionalidade; adequação a função e a situação; identificando características dos suportes.

O trabalho com projetos, de acordo com Solé (2008) é bastante produtivo, pois articulam situações em que linguagem oral, linguagem escrita, leitura e produção de textos se inter-relacionam de forma contextualizada, objetivando não só a formação de bons leitores, mas também de escritores.

As práticas didático pedagógicas que abordadas com projetos, encorajam a exploração e reflexão sobre o escrito e a sua interpretação; promove o prazer e a satisfação da leitura. Além de serem ricos em oportunidades de interação com o texto escrito, incentivando as explorações e as tentativas de interpretação, de um modo integrado e funcional, com tarefas ajustadas às vivências e rotinas do dia-a-dia.

É preciso prestar atenção às particularidades, aos interesses e às etapas de desenvolvimento de cada aluno, promovendo a articulação e interação com a família, envolvendo-as nas suas práticas, incentivando a continuidade, diversidade e regularidade de diferentes leituras e escritas.

Abaixo, são apresentadas algumas das características de um ambiente promotor de aprendizagem da leitura e da escrita, de acordo com Mata (2008) e Solé (2008) auxiliam no desenvolvimento: a) introduzir com regularidade mensagens escritas ou indicações para as crianças num local previamente acordado; b) construir com os alunos ficheiros de imagens, nos quais cada imagem se encontra associada à respectiva denominação; c) cada aluno pode fazer a “coleção de palavras” que conhece, que são recortadas ou escritas por ele mesmo, guardadas numa caixa ou coladas num caderno; d) colecionar logótipos de vários restaurantes, supermercados, embalagens de cereais ou de outros produtos conhecidos e incentivar a sua leitura; e) etiquetar cabides e materiais pessoais com os nomes das crianças, utilizar os nomes em diferentes contextos e rotinas e incentivar a sua identificação; f) valorizar as tentativas de escrita e incentivar as crianças para “lerem” as suas próprias produções; g) introduzir etiquetas na sala e efetuar, gradualmente, a sua exploração e exploração nas rotinas da sala ou no desenvolvimento de tarefas propostas; h) criar oportunidades de correspondência com alunos de outros locais; i) proporcionar, frequentemente, momentos de leitura de histórias - identificar o seu autor, o ilustrador e, a partir do título da história, anteciparem o conteúdo; j) ler e facilitar o acesso a leituras de qualidade e diversificadas; k) promover momentos de leitura na família, criando um sistema de requisição de livros, combinando e orientando os pais na sua leitura partilhada com os filhos (Mata, 2008; Solé, 2008, p.17-20).

Para minimizar as dificuldades advindas da escrita Mata (2008) explica que a motivação para aprender deve vir dentro de seus usos reais, ou seja, da necessidade de escrever alguma coisa para alguém, com uma função específica, como, por exemplo, uma carta um amigo ou um parente, um conto para fazer parte de um livro da turma. O professor deve valer-se literalmente da criatividade para desenvolver coesamente a habilidade. Deste modo ela sugere que o professor seja:

- positivo, facilitador da exploração e estimulante para a utilização real da escrita; - promotor da reflexão e do confronto com diferentes formas e estratégias de escrita; - respeitador das características conceituais de cada um dos alunos, não procurando pressionar nem saltar etapas; - fomentador de oportunidades de escolha de acordo com os gostos e vivências de cada um, para que as aprendizagens sejam significativas (Mata, 2008, p.54).

Alunos com dificuldades na escrita, na presença daqueles que não possuem dificuldades, preferem não escrever para não se expor necessitando de mais apoio por parte dos pais e dos professores para se sentirem encorajados a construir textos, que podem ser apresentados, inicialmente, aos familiares e amigos.

Neste contexto, e no que se refere à exploração da funcionalidade, o professor poderá desenvolver ações que podem ser adequadas a cada contexto específico tais como: a) proporcionar oportunidades para escrever em atividades sugeridas ou orientadas como em situações de jogo ou brincadeira, facilitando o acesso a materiais de escrita diversificados e partilhando as situações com os colegas; b) envolver as famílias para que elas compreendam a importância das oportunidades de escrita que podem proporcionar aos seus filhos e dos incentivos e elogios ao que os seus filhos vão fazendo; c) produzir livros diversos, trabalhando os procedimentos necessários à sua elaboração; d) construir livros de “alfabeto”, onde o aluno escolha uma letra e numa folha desenhe alguns objetos cujo nome começa por essa letra. O educador escreve o nome dos objetos e as crianças copiam no livro; e) promover a utilização do computador, tablet, onde os alunos possam brincar com as letras, percebendo a orientação da escrita (esquerda-direita/cima-baixo) e da sua linearidade; f) facilitar processos de reflexão sobre o oral e estabelecer elementos de ligação com a escrita (fazer listagem de palavras que começam ou terminam da mesma maneira, realçando a parte que é semelhante; produzir rimas e passar ao seu registo, realçando a parte semelhante; isolar palavras na frase e realçar os espaços entre palavras, etc).

O professor poderá desenvolver atividades em salas que mostrem que a leitura e a escrita têm muitos significados e funções e que possibilitam novas descobertas, ampliam as possibilidades de pensar, de conhecer e de registar o mundo, de ser um cidadão adulto, livre e autónomo nas suas decisões.

Almeida (2011) salienta que é um trabalho que exige muita paciência e espera, pois, depende do grau de dificuldade apresentado, e que, o tempo necessário para que ocorram os resultados podem variar muito.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A procura de respostas para as questões referentes as dificuldades de leitura e escrita encontradas por uma professora e seus alunos do quinto ano do Ensino Fundamental. A pesquisa utilizou como abordagem argumentativa, o método indutivo, considera o conhecimento como baseado na experiência; na generalização observações de casos da realidade concreta, a partir de constatações particulares e dos fenômenos abordados. Para Marconi e Lakatos (2011):

Indução é um processo mental, por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal não contidas nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo o conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam (Marconi; Lakatos, 2011, p.83).

Foi também exploratória, porque visava à elucidação de fenômenos ou a explicação daqueles que não eram aceitos apesar de evidentes. Desta forma, proporcionou maior familiaridade com um problema; envolvendo o levantamento bibliográfico, a entrevista com a professora que desenvolve suas práticas com o problema pesquisado e o estudo de caso, com a análise dos alunos.

De acordo com Cervo e Bervian (2002) a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Com este propósito, buscou-se conhecer e analisar as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, através das contribuições científicas.

Assim sendo, a primeira parte da pesquisa foi de natureza bibliográfica de maneira a selecionar a fundamentação teórica e justificar a investigação, descrição e demonstração de conhecimentos a que se chegou sobre a questão das principais dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.

Segundo Thomas e Nelson (2002), utiliza-se em parte do trabalho, uma visão positivista³, e em outra a visão fenomenológica⁴, aproveitando-se o que há de melhor em cada uma delas. Os autores descrevem que o valor da pesquisa

³ Forma de entendimento do mundo, do homem e das coisas em geral.

⁴ Processo pelo qual tudo que é informado pelos sentidos é mudado em uma experiência de consciência, em um fenômeno que consiste em se estar consciente de algo. Ou seja, é o modo como o conhecimento do mundo acontece, a visão do mundo que o indivíduo tem.

descritiva está baseado na premissa que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio de observações, análises e descrições objetivas e completas.

4.1 Tipo de Pesquisa

Nas palavras de Marconi e Lakatos (2011) pesquisar é muito mais do que procurar a verdade: é encontrar as respostas para as questões propostas, utilizando métodos científicos. Assim sendo, o delineamento teórico, foi fundamentado em uma pesquisa indutiva, exploratória com estudo de caso, fundamentando-se nas pesquisas bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa, afim de investigar a respeito do tema, buscando explicar o problema a partir de referências teóricas já publicadas (Thomas; Nelson, 2002).

Essa abordagem ofereceu agilidade e liberdade para reflexão e análise sobre as informações recolhidas, o que permitiu compreender e classificar os processos dinâmicos experimentados pelo grupo social, proporcionando maior grau de aprofundamento nas interpretações das atitudes e dos procedimentos.

De acordo com Moreira (2002), a área das ciências sociais e humanas, tem como característica o fato de operar com significados, valores, crenças e motivações, que dizem respeito aos aspectos subjetivos, construídos no espaço social; sendo resultado de forças, fatores, estruturas internas e externas que atuam sobre as pessoas, gerando determinados resultados que não podem ser simplesmente reduzidos às dimensões quantitativas.

Neste contexto, foram utilizados como critérios de inclusão para a pesquisa, trabalhos já publicados que referenciavam o presente estudo, apresentando definições e considerações sobre aprendizagem da leitura e da escrita; as causas e dificuldades dos alunos em ler e escrever; a responsabilidade dos pais, da escola e dos professores, as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores.

Os trabalhos selecionados, mesmo tendo recortes diferenciados, de artigos científicos, monografias, dissertações, revistas especializadas, bases eletrônicas e livros sobre as dificuldades do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, evidenciam pesquisas científicas consistente, ressaltando as principais ideias dos autores em discussão, apresentou informações relevantes que são confrontadas,

no sentido de se obter um quadro mais completo para pensar em soluções para as dificuldades provenientes da leitura e escrita e seus dilemas no cotidiano.

Nesta seleção de pesquisas, foi encontrado estudiosos que apresentaram contribuições sobre a aprendizagem e dificuldades da leitura e escrita, mais especificamente, sobre as problemáticas enfrentadas pelos alunos, professores e escola. Destacaram-se como principais pesquisadores da temática: Freire (1993), Ramos (2012), Solé (2008). Entre as legislações federais consultadas estão: Constituição Federal (1988), Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

A partir dos pressupostos teóricos foram examinadas as questões sobre o desafio de aprender a ler e escrever, o valor social, a importância desse processo na vida do ser humano, os objetivos, a interação que a escola e a família necessitam desenvolver para o êxito na aprendizagem da criança, as causas das dificuldades e as práticas didático pedagógicas para a leitura e escrita.

Sobre o estudo de caso, Yin (2005) diz que este, trata de uma forma de se fazer pesquisa investigativa de fenômenos atuais dentro da sua realidade, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidas.

O Estudo de Caso permite que seja analisada a situação na qual se encontra a professora do quinto ano do Ensino fundamental, com seus 04 (quatro) alunos com dificuldades na leitura e escrita, sem que se possam fazer interferências no sentido de manipular comportamentos relevantes.

De forma geral, o Estudo de Caso sobre as dificuldades de leitura e escrita, visa proporcionar certa vivência da realidade, tendo por base a discussão, a análise e a busca de solução do problema proposto para a pesquisa, ou seja, o questionamento sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita enfrentadas pela professora e alunos do 5º ano das séries iniciais em uma Escola Municipal da periferia do Município de Macapá.

4.2 Lócus Pesquisado

A Escola Municipal de Ensino Fundamental, onde foi realizada a pesquisa tem como mantenedora a Prefeitura Municipal de Macapá - PMM, sendo vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEMED.

De acordo com a Resolução nº 14/2012 do Conselho Municipal de Educação de Macapá – CMEM, os estabelecimentos que compõem o Sistema Municipal de Ensino têm como um dos objetivos:

Proporcionar ao aluno a formação necessária, que lhe assegure o desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização e qualificação para o trabalho, prosseguimento de estudos e para o exercício consciente da cidadania (Macapá, 2012, p.13).

Partindo de suas problematizações sociais a escola introduz e desenvolve o conhecimento; a convivência em grupo, as habilidades de raciocínio e de linguagem, para formar leitor e autor de textos, que use a ortografia correta e o vocabulário adequado para conseguir pela fala e/ou escrita organizar o seu pensamento e contextualizar os conhecimentos; e encontrar soluções aos conflitos da vida.

Em 2011 a escola passou pelo processo de mudança para o Ensino Fundamental de Nove anos e hoje, 2018 oferece a comunidade o Ensino Fundamental I (1º ao 5º).

4.3 Caracterização dos Sujeitos

Os sujeitos do referido estudo são a professora do 5º ano e seus 04 alunos que apresentam dificuldades de leitura e escrita, a opção se deu pelo fato dos alunos ficarem retidos, com maior frequência no 5º ano por não saber ler e escrever.

4.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Os instrumentos de coleta adotados foram a observação participativa, que permitiu ao observador deixar de ser passivo e assumir funções, no caso desta pesquisa, as atividades durante a aula. Neste contexto, foi desenvolvido participações durante o processo de ensino e aprendizagem da leitura. Entre as vantagens de se utilizar deste instrumento, está no fato de poder ter uma visão da realidade do ponto de vista de alguém de “dentro” do estudo de caso (Duarte, 2006, p. 230).

Sendo assim, foi observado a relação e comportamento dos quatro alunos da turma do quinto ano, tendo a professora de apoio para a realização das tarefas. Foi considerado também as observações, os relatos da professora sobre as

dificuldades de aprendizagem, registradas em fichas descritivas e individuais dos alunos e nas de acompanhamento do plantão pedagógico. Ressalta-se, que as escolhas dos alunos, se justificam pela necessidade de investigar as dificuldades de aprendizagem que possuem.

Além da observação foi utilizada a análise de documentos tais como: a Constituição Federativa do Brasil de 1988, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1988) e o Plano Nacional de Educação (2014-2024), que contribuíram na fundamentação da discussão.

A entrevista com a professora foi o esclarecimento das dificuldades enfrentadas, as práticas utilizadas, as angústias, limites que possui dentro da gestão escolar e dos problemas externos, que fogem totalmente da suas especificidades, mas que contribuem com o fracasso dos alunos.

4.5 Procedimentos

As atividades foram realizadas no período de 03 à 28 de setembro do ano de 2018, no turno da tarde. Durante a pesquisa foi explicado o objetivo e relevância do estudo, também foi solicitado a autorização para a realização da pesquisa na escola e a publicação dos dados pesquisados. Foi ressaltado, que tanto a identificação da escola, quanto dos participantes seria preservada. Assim, só se referenciar a professora e aos alunos A, B, C e D.

A primeira semana foi utilizada para as observações da pesquisadora referente à situação em que se encontra o lócus da pesquisa, atentando para as condições da estrutura física, dos recursos humanos, das atividades desenvolvidas, das dificuldades enfrentadas, entre outras.

Da segunda semana em diante, a pesquisa foi direcionada para a entrevista e as observações. A entrevista foi com a professora, as observações foram realizadas enquanto os participantes desenvolviam suas atividades, tanto em sala de aula, com todos os alunos e nas demais dependências da escola, quanto no reforço, com a participação da professora e dos 04 alunos com dificuldades.

O processo de construção e interpretação da realidade pesquisada favoreceu a compreensão crítica global da temática. Para atingir os objetivos com êxito foi usado para coleta de dados um roteiro de perguntas (entrevista com a professora, Apêndice II), as observações foram registradas em um diário de bordo (anotações

diárias das percepções sobre o trabalho desenvolvido e a aprendizagem).

Foi viável o usos destes instrumentos, pois o estudo centrou-se nas dificuldades vivenciadas pela professora e pelos alunos no processo de leitura e escrita; a realização de diagnóstico das dificuldades; as ferramentas didático pedagógicas que a professora utilizava para auxiliar os alunos a superarem essas dificuldades.

Com o intuito de conseguir maior veracidade nas respostas, mantiveram-se no anonimato os participantes envolvidos, preservando suas identidades. Assim sendo, ficaram nomeados como “Professora” e os alunos A, B, C, D e E. Por tratar de pesquisa que envolve pessoas, a pesquisa foi toda realizada respeitando-se as diretrizes da Resolução Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Neste sentido, todos os participantes da pesquisa foram orientados sobre a importância e os objetivos do estudo (Resolução Nº 466/2012).

A entrevista aplicada, assim como as observações, contou com um roteiro de acordo com o que foi proposto a investigar, o que permitiu a análise e interpretação mais ampla dos resultados. Como procedimentos metodológicos, foi feita a análise documental, sendo pesquisado o Projeto Político Pedagógico, Fichas descritivas sobre avaliações e desempenho dos quatro alunos com dificuldades de aprendizagem. A entrevista foi feita com um roteiro que apresentava 10 (dez) perguntas, sendo 01 (uma) de múltipla escolha e as demais com perguntas abertas para a professora do 5º ano.

A entrevista semi padronizada permitiu a entrevistadora e entrevistada, dialogar com a intenção de obter informações de natureza profissional, tendo como objetivo compreender a opinião, sentimentos e anseios.

Permitiu ao entrevistador, fazer novos questionamentos, que não estavam no roteiro, com a intenção de esclarecer os questionamentos ou complementar respostas anteriores, ou voltar a questões já respondidas, que não foram suficientemente respondidas. No Capítulo seguinte foi apresentada os resultados colhidos e a análise dos mesmos.

Os dados coletados foram ponderados, considerando o referencial teórico e as respostas dos sujeitos investigados, ou seja, as categorias analíticas e as empíricas, que emergiram, e que foram agrupadas de acordo com as semelhanças das respostas, os resultados foram registrados com o Office 2010.

4.6 Análise e Discussão dos Resultados

Entender o que são dificuldades de aprendizagens, os fatores responsáveis, as práticas pedagógicas, as estratégias de intervenção, a postura da professora quando identifica alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, eram algumas das indagações que se propôs esta pesquisa quando questionou as dificuldades de leitura e escrita enfrentadas pela professora e seus alunos do 5º ano do ensino Fundamental.

Como citado anteriormente, os questionamentos eram frutos das observações desde do período da graduação e se estenderam pela vida profissional. As análises ora apresentadas, são frutos de uma exaustiva pesquisa bibliográfica, da entrevista com a professora que enfrenta as dificuldades dos seus alunos e da convivência e observações realizadas na turma, principalmente do desenvolvimento dos 04 alunos que apresentam dificuldades em leitura e escrita.

Atendendo aos objetivos da pesquisa, optou-se por uma investigação de abordagem qualitativa, especificamente um estudo de caso, pois é uma realidade que se vive na sala de aula e por se tratar de uma metodologia que permite estudar uma situação concreta de um problema, em pouco tempo.

A utilização do estudo de caso foi importante para aprofundar a pesquisa sobre a professora do 5º ano com seus alunos com dificuldades, serviu para responder questionamentos que, como pesquisadora não tinha muito controle sobre os anseios, desejos, dificuldades enfrentadas pelos participantes, bem como os processos organizacionais e políticos da professora, da escola e do meio onde os alunos convivem.

Compartilhando das reflexões de Yin (2001), o estudo de caso, foi uma ferramenta utilizada para entender a forma e os motivos que levaram a determinadas decisões, ou seja, uma estratégia de pesquisa que compreende um método com abordagens específicas de coletas e análises de dados.

Assim, as informações obtidas foram através da interpretação visual e da análise espacial dos dados coletados com a professora do 5º ano e das observações de seus 04 alunos que possuem dificuldades pedagógicas e sociais para o desenvolvimento da leitura e da escrita.

4.6.1 Observação do espaço escolar

A Escola Municipal de Ensino Fundamental, onde foi realizada a pesquisa tem como mantenedora a Prefeitura Municipal de Macapá - PMM, sendo vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEMED. Tem como objetivo principal, proporcionar aos alunos a formação necessária, que lhe assegurem o desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização e qualificação para o trabalho, prosseguimento de estudos e para o exercício consciente da cidadania.

Está localizada em um bairro da zona norte de Macapá, que ainda está sendo organizado, haja vista, que grande parte dos seus moradores se constituem de migrantes, vindos da região nordeste. Este reflexo, é percebido pela clientela de pais, que buscam educação formal a seus filhos, com o intuito de possibilitar melhores condições de vida.

Assim, a comunidade escolar é composta por indivíduos que vislumbram na escola há única forma de dar melhor oportunidade para seus filhos. Tendo em conta, que as condições de vida dos alunos muitas vezes são precárias.

A Escola onde o estudo foi desenvolvido, oferta à comunidade turmas de 2º e 3º Período da Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, buscando contribuir, com a formação do cidadão. Assim, há no ambiente escolar níveis socioculturais e econômicos diversificados.

Apesar da identidade da escola está em processo de identificação, a Instituição de ensino vem trabalhando as temáticas a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, as situações didático-pedagógicas são planejadas de forma que a aprendizagem seja significativa, nas quais os alunos sejam capazes de reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los.

4.6.2 Organização da Escola

A organização da escola está de acordo com os preceitos da mantenedora, Secretaria Municipal de Educação e a prerrogativa da LDBEN 9394/1996 quanto sua autonomia pedagógica (Brasil, 1996).

Busca desenvolver uma gestão democrática tendo como ponto de partida a tomada de decisões a partir da coletividade, processo esse que está ainda nos primeiros passos e que requer de todos da equipe um regime de colaboração, haja vista, que decidir coletivamente envolve ouvir e respeitar os diferentes pensamentos e decisões tomadas pelo grupo. Está organizada de maneira a atender as necessidades da comunidade e tem sua estrutura organizada da seguinte maneira:

Figura 03: Estrutura Organizacional da Escola



Fonte: Autores (2018).

Atualmente a escola está com um quadro de 23 funcionários municipais, sendo: 01 gestor, 01 secretário administrativo, 01 secretário escolar, 12 professores regentes, 11 deles são pedagogos e 1 está cursando pedagogia, 4 professores de apoio, 2 professores do AEE, sendo uma no turno matutino e outra no vespertino e 2 coordenadoras pedagógicas, 02 merendeiras e 03 agentes de limpeza.

O grupo apresenta harmonia na realização das tarefas, demonstrando companheirismo, compromisso, respeito e profissionalismo. São realizadas periodi-

camente reuniões onde se discute e propõe mudanças, visando favorecer as ações dentro da escola.

Embora, a Escola atualmente conste de um quadro completo, a Professora informou que os profissionais que atuam na escola chegam a ser uma dificuldade para o trabalho desenvolvido junto aos alunos, pois, “a rotatividade de profissionais influencia de maneira negativa na educação das crianças” (Professora do 5º ano, 2018).

Faz-se necessário destacar que o professor ao ingressar na rede municipal de ensino, ocupa a vaga que está disponível, em geral, é em uma escola localizada distante de sua residência. Com o passar do tempo, sendo concursado e havendo disponibilidade, ele pode escolher uma escola próxima de onde mora. É um direito assegurado.

Porém, de acordo com Maria Helena Guimarães de Castro, Professora da Universidade de Campinas, em entrevista à Revista Gestão Escolar, evidenciou que os “índices elevados de rotatividade transformam a escola num espaço sem alma, por onde circulam pessoas sem relação com a coletividade” (Paulina, 2009).

Nessa conjectura, há professores que ficam menos de um ano na escola, porque podem pedir transferência e outros passam pelas salas de aula para substituir colegas que estão de licença. Essa rotatividade causa grandes prejuízos para as turmas, já que, apenas alguns meses, não se cria vínculos com os alunos, nem com a comunidade, o que compromete a aprendizagem pela falta de interação e continuidade no trabalho pedagógico, prejudicando assim a construção da identidade escolar.

4.6.3 Estrutura da Escola

A escola passou recentemente por uma reforma e ampliação em seu espaço físico, o que possibilitou a melhoria das atividades desenvolvidas na escola e permitiu a implantação da biblioteca da escola que há muito tempo já vinha sendo um anseio de toda equipe de funcionários e comunidade. Toda a escola é construída em alvenaria, possui os corredores cobertos, uma área coberta na entrada e as salas de aulas, centrais de ar, iluminação adequada.

Em números, a escola conta com os seguintes espaços 06 salas de aula (com quadro branco); 01 Sala para o Programa Novo Mais Educação, 01 sala de biblioteca/vídeo/sala de leitura; 01 sala de atendimento da Educação Especial; 01 copa/cozinha; 02 banheiros para uso dos alunos; 01 Banheiro para uso dos funcionários; 01 sala de direção; 01 sala para Secretaria da Escola; 01 sala para Coordenação Pedagógica; 01 torre para caixa d'água; 01 caixa d'água; 01 salão para refeitório e eventos da escola.

4.6.4 A escola e as práticas pedagógicas

Como a escola ainda não havia definido uma linha filosófica seguia voltada para uma tendência Progressista Crítico Social dos Conteúdos⁵, definida como base, no Regimento Escolar, para todas as escolas da rede municipal de ensino.

Essa linha assegura a função social e política da escola, mediante trabalho com conhecimentos sistematizados a fim de colocar as classes populares em condições de efetiva participação dentro da sociedade. Segundo Aranha (1992), busca “Construir uma teoria pedagógica a partir da compreensão da realidade histórica e social, a fim de tornar possível o papel mediador da educação no processo de transformação social.

No entanto, como essa linha não foi uma decisão coletiva da escola, vem-se desenvolvendo diversas tendências e propostas teóricas em sala de aula como: a Tradicional e construtivista, tentando seguir a responsabilidade de fazer bem feito, buscando alcançar os objetivos, permeados pela avaliação do fazer pedagógico, tendo como foco do trabalho a realidade do aluno e temas populares, através de um diálogo sempre aberto.

O contexto, demonstra que a Escola não segue uma linguagem comum e nem uma proposta pedagógica que favorecesse o objetivo proposto e almejado por todos, haja vista, que aconteciam ações pedagógicas até antagônicas em sua concepção teórico-prática.

A Instituição vem desenvolvendo uma prática pedagógica, sem a definição de uma linha filosófica, para que o professor aplique o método pedagógico que

5 As propostas desta tendência foram desenvolvidas, no Brasil, por Dermeval Saviani, o qual se baseia em vários autores, como: Marx, Gramsci, Kosik, Snyders, entre outros. Junto a Saviani, têm se educadores como: José C. Libâneo, Carlos R. J. Cury e Guiomar N. de Mello.

melhor atenda a realidade da criança. Apesar de já ter sido disponibilizado vários momentos para esse objetivo.

Desta forma, cada professor trabalha à sua maneira, ou seja, o trabalho não é coletivo. Isso pressupõe, a necessidade de melhorar a comunicação entre os diversos setores, favorecendo a troca de experiências e os debates acerca de diferentes temas inerentes ao fazer pedagógico da escola.

No que diz respeito as atividades esportivas e culturais, estão inseridas no Calendário Escolar como atividades que derivam de todo o processo educacional processado com os alunos (datas cívicas e festivas). Compõe a interdisciplinaridade e transversalidade que ao ministrar os conteúdos culturalmente construídos ao longo da história da humanidade, permitem inclusive realizar eventos de grande porte, como culminância das ações educativas.

O plantão pedagógico, acontece a cada bimestre, é um momento para professores, pais e alunos conversarem sobre os avanços, as dificuldades, a aprendizagem construída pelos alunos. Também, é discutido o comportamento e posturas/atitudes, bem como as possíveis soluções para as situações problemas. Os resultados quantitativos são informados aos pais e/ou responsáveis.

Porém, de acordo com a Professora do 5º ano, a Escola vive uma realidade em que as crianças não têm acompanhamento dos pais nas atividades, poucos pais são os que vêm à escola e os que frequentam, os filhos apresentam resultados satisfatórios.

Apesar dessa baixa participação, segundo dados colhidos no Projeto Político Pedagógico (em construção), cerca de 50%, nas diferentes ações desenvolvidas pela escola ao longo do ano letivo, quando perguntados sobre o trabalho desenvolvido pela escola 38% consideraram o trabalho ótimo; 52% avaliaram como bom e 10% estimaram regular (Dados da escola pesquisada, 2018).

Os pais e/ou responsáveis são conscientes de suas ausências na Escola e declaram como um ponto a ser melhorado por eles, indicando ações que poderiam favorecer a aprendizagem de seus filhos como: acompanhar a rotina escolar da criança; observar o caderno; ajudar no dever de casa; orientando o filho no comportamento que devem ter na escola, participando das reuniões e conversando com os professores frequentemente.

Com relação ao rendimento, dados dos anos de 2016 e 2017, demonstram que as dificuldades de leitura e escrita, tem contribuído na retenção de alunos. A tabela 01 ilustra a situação:

Tabela 1: Dados do desempenho acadêmico da escola: 3º e 5º Anos (2016)

3º ano Fundamental			
Nº de turmas	Quant. total de alunos	Nº de alunos aprovados	Nº de Alunos Retidos
3	82	68 (83%)	14 (17%)
5º ano Fundamental			
Nº de turmas	Quant. total de alunos	Nº de alunos aprovados	Nº de Alunos Retidos
2	50	47 (94%)	3 (6%)

Fonte: Secretaria Escolar – Base 2016.

Observa-se que os problemas de leitura e escrita se concentram no 3º e 5º ano, onde as habilidades de leitura e escrita não foram alcançadas. As turmas de 3º do ano de 2016, dos 82 alunos, a maioria, 68 alunos (83%) foram aprovados, ficando retido o restante da turma, num total de 14 alunos (17%). Esses alunos retidos, ao chegar no 5º ano, alguns conseguiram amenizar as dificuldades de leitura e escrita, o que aumentou o índice de aprovados, que foi de 47 alunos (94%), sendo retido apenas 3 alunos (6%), apesar da redução do número de alunos nas turmas.

No ano de 2017, tanto o 3º ano, quanto o 5º ano melhoram os rendimentos, como pode ser observado na tabela 02:

Tabela 02: Dados do desempenho acadêmico da escola: 3º e 5º Anos (2017)

3º ano Fundamental			
Nº de turmas	Quant. total de alunos	Nº de alunos aprovados	Nº de Alunos Retidos
3	75	67 (89%)	08 (11%)
5º ano Fundamental			
Nº de turmas	Quant. total de alunos	Nº de alunos aprovados	Nº de Alunos Retidos
2	55	51(93%)	04 (7%)

Fonte: Secretaria Escolar – Base 2017.

Dos 75 alunos matriculados nas 03 turmas de 3º ano, 67 alunos (89%) foram aprovados, ficando retidos 08 alunos (11%), houve uma queda de 6%, comparado ao ano anterior. Nas 02 turmas de 5º ano, dos 55 alunos, 51 (93%) conseguiram aprovação, apenas 04 alunos (7%) ficaram retidos.

De acordo com a Sistemática de Avaliação do Município de Macapá o aluno ao final do 3º ano deve ter conseguido as habilidades de leitura e escrita, interpretação de textos e resolver situações-problemas que envolvam as 04 operações, caso contrário, deverá ficar retido (Macapá, 2012).

A avaliação do Ciclo Inicial de Alfabetização tem como objetivo o conhecimento de cada aluno, o acompanhamento de seu desempenho durante as atividades de aprendizagem e o entendimento de seus avanços e dificuldades em relação aos patamares definidos, tendo em vista a (re)orientação das atividades de ensino.

Nesse sentido, trata - se de uma proposta em que a avaliação assume função diagnóstica e reguladora do processo ensino – aprendizagem permitindo a implementação da ação educativa com base nas necessidades de aprendizagem dos alunos.

Observando as fichas avaliativas dos alunos participantes do estudo, estes, estão entre os retidos que aparecem nos quadros 02 e 03, e frequentam no ano de 2018, ainda o 5º ano. Porém, deveriam ter sido retidos no 3º ano, haja vista, não apresentar as competências necessárias para progredirem para o 4º ano.

Sobre este fato, a Professora do 5º ano, revelou que os professores tanto do 3º ano, quanto do 5º ano, sofrem pressão da gestão e da coordenação para não reter alunos, sobre o pretexto da escola não ser vista de forma “negativa”. Pois a Escola tem que trabalhar com a perspectiva de quantos menos alunos retidos tiver melhor.

A cada 2 anos é realizada uma avaliação nacional chamada Provinha Brasil que avalia as turmas do 5º ano nas disciplinas de português e matemática, e o IDEB da escola depende do desempenho desses alunos. A professora esclarece:

Pensa na tarefa árdua, a carga que tem, sabendo que a nota da escola depende exclusivamente da turma a qual tem um ano para trabalhar. Sem contar em toda uma logística que se tem em relação a essa prova, que os alunos precisam se familiarizar em preencher cartão resposta, tempo para cada ques-

ção, tempo para cada componente, isso tudo deveria ser iniciado a partir do quarto ano para que esses alunos chegassem ao 5º ano tendo noções sobre esse processo (Professora do 5º ano, 2018).

Os índices do IDEB não são só tabulados apenas com os dados da Provinha Brasil, mas também com o diagnóstico final de cada ano. Então uma escola que vai bem na Provinha Brasil, mas apresenta um número grande de reprovação, ou de abandono, ou ainda de defasagem de idade x série. Corre o risco dos dados serem divergentes.

A fala expressiva da professora, deixou claro a insatisfação em ser pressionada para aprovar alunos sem condição de prosseguir, haja visto, o mesmo não ser apto. Nessa perspectiva, expôs de forma clara que não concorda com o sistema de ciclo, ressaltando que o “professor perde o domínio de sala de aula e ainda pior, não é mais respeitado”, diante disso, demonstrou concordar com a reprovação, considerando a retenção do aluno como a solução para vários problemas, principalmente os problemas de aprendizagem.

Considerando a Sistemática de Avaliação do Município de Macapá (2012), avaliar não se resume a forma mesquinha de aprovar ou reprovar estabelecendo uma divisão entre alunos que alcançaram a expectativa do professor e alunos que não alcançaram, ou seja, avaliar dessa forma seria o mesmo que considerar somente o que Vygotsky chamou de nível de desenvolvimento real. De acordo com Rego (2003):

Nas escolas, na vida cotidiana e nas pesquisas sobre o desenvolvimento, costuma – se avaliar a criança somente neste nível, isto é, supõe-se que somente aquilo que ela é capaz de fazer, sem a colaboração de outros, é que é representante de seu desenvolvimento (Rego, 2003, p.73).

A orientação do documento quanto à avaliação é para que as escolas busquem diagnosticar através dela as necessidades dos alunos sem eliminá-lo do processo educacional e dessa forma direcionar ações educativas capazes de incluí-lo no processo de formação.

Na visão interacionista representada por Vygotsky (1987) o nível de desenvolvimento potencial deve ser considerado nas avaliações, pois trata-se de um conhecimento que está prestes a se tornar real “Este nível é, para Vygotsky,

bem mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que ela consegue fazer sozinha” (Rego, 2003, p.73).

Com respeito a formação continuada, a Escola, com a finalidade de melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem, vem desenvolvendo as seguintes atividades: a) **Ciclo de Estudos:** a cada 15 dias de acordo com cronograma estabelecido pela equipe de profissionais; b) **Planejamento Semanal:** encontro dos professores por ano/série para discutir e planejar as ações a serem desenvolvidas em sala de aula; c) **Oficinas pedagógicas:** uma vez por mês com temas e equipes a serem definidos pela equipe docente.

4.6.5 As condições sociais da família

Durante o tempo de permanência na Escola, observando os profissionais que ali atuam com os alunos do quinto ano, foi possível colher informações sobre a família dos alunos pesquisados. As curiosidades ampliaram, haja vista, a necessidade de conhecer os fatores socioculturais e financeiros dos pais que escolheram essa escola para os filhos.

Entre as problemáticas observadas (em relação aos pais dos alunos participantes da pesquisa), a principal está na falta de ambiente adequado ao crescimento desejado de uma criança, seja nas condições estruturais da moradia (limpeza, conservação), alimentação, lazer. A maioria dos pais precisam trabalhar o dia inteiro, o que permite que as crianças fiquem durante muito tempo sem acompanhamento. Em outros casos, o aluno capta a mensagem da família entendendo que estudar não é algo tão importante.

Irrefutavelmente, a condição social e familiar são fatores que influenciam na aprendizagem. Pesquisa realizada pelo Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), de 2004, comprovou esta realidade com um questionário anexo à prova de leitura dos alunos da 3ª série, sobre condição de vida, dedicação à escola e escolaridade dos pais. Os resultados demonstraram que:

O desempenho geral da série, sem levar em conta a condição dos estudantes, foi de 0,3% no nível ótimo de leitura, 5,8% no muito bom, 27,1% no bom, 37,7% no regular, 12,1% no insuficiente e 17,1% no abaixo do insuficiente.

Os alunos da 3ª série tiveram resultados semelhantes aos apresentados nas demais séries (Grispino, 2005, p.57).

O cruzamento de dados da pesquisa, revelou que: “mais de 60% dos alunos que viviam em casas sem luz elétrica, ficaram em níveis de leitura insuficiente ou abaixo de insuficiente. As notas ruins se repetiram entre os que moravam em ruas sem calçamento ou casas que não tinham água encanada.

A tabulação ainda enfatizou, a influência negativa de defasagem idade e série. Mais de 67% das crianças que tinham 13 anos ou mais e continuavam na 3ª série se encontravam nos níveis insuficientes ou abaixo de insuficiente. Entre os que estavam com 9 anos, 24,4% tiveram esse desempenho e 75,6% ficaram acima do nível regular, isto é, acertaram mais de 50% das questões.

Neste contexto, e tendo como uma das metas do Plano Nacional de Educação – PNE (Brasil, 2014) a inclusão do aluno no ambiente escolar. A Escola, principalmente, as localizadas nas periferias, devem incentivar o aluno a ir à escola, fazê-lo trocar o cotidiano das ruas pelo da escola.

Assim sendo, a escola necessita adotar projetos que resgatem a cultura popular da região, construindo sua identidade, com base na educação que leva em conta as raízes, ajudando as novas gerações a manter o vínculo com suas tradições, sem deixar de valorizar toda a experiência que esses alunos trazem do seu meio.

Segundo a Professora, a escola senti a necessidade urgente em atrair os pais para as atividades escolares dos filhos, pois em sua grande maioria, por trabalhar fora ou trabalhar demais, usam esse fator como empecilho para o devido acompanhamento à criança, com isso poucos são os pais que veem à escola sem que sejam convocados. A professora ressalta:

É um desafio para a escola envolver as famílias no processo de desenvolvimento, mas a comunicação deve ser constante e aberta com a escola. A família é quem proporciona o acervo cultural dos filhos, ela é quem incentivará aos conhecimentos, dará base neste processo de leitura e escrita. Independente de saber ler ou escrever (Professora do 5º ano, 2018).

A escola vem desenvolvendo diferentes ações para fazer da família uma excelente parceira nas atividades escolares. No entanto, a proposta pauta-se em

construir um projeto coletivo, sendo os elaboradores todos os agentes educacionais, os pais e/ou, responsáveis pelos alunos e comunidade em geral. Assim, para construção coletiva ter sucesso, eles buscam estratégias como: reuniões, encontros, ações pedagógicas, plantões pedagógicos, etc.

4.6.6 Dificuldades encontradas pela professora

As semanas de observações sobre o trabalho da Professora, junto a sua turma, mais precisamente nos seus 04 alunos que possuem dificuldades de leitura e escrita, nos dar condição de afirmar que ela conhece a sua clientela, sabe o que cada aluno aprendeu com suas experiências de vida. Tanto nos anos anteriores escolares, quanto no âmbito familiar.

Este conhecimento é de suma importância, haja vista, que as próximas ações para os alunos continuarem pensando e aprendendo, segundo Ferreiro (1989) é o ponto de partida para o processo de aprendizagem. O professor precisa conhecer o estágio cognitivo, os níveis conceituais de escrita e leitura, estágio em que as funções mentais estão se formando, pois, representa a distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial.

E essas informações, a Professora do 5º ano detém. Graduada em pedagogia e especialista em Pedagogia Escolar, há 09 anos trabalha no contrato administrativo da Prefeitura Municipal de Macapá, e este ano passou no concurso público. Atuou e continua desenvolvendo suas atividades sempre nos anos iniciais, nas turmas de 5º ano, sua grande preocupação.

A docente é conhecedora também das potencialidades, possibilidades e limitações de seus alunos, descreve a história e o desenvolvimento psicomotor, afetivo e social de cada um deles. Apesar de alguns não ter a escrita definida, ela sabe interpretar a produção gráfica de maneira positiva.

Aprender a respeitar o aluno por meio de suas produções, esforços, é propiciar uma aprendizagem significativa, e não meramente mecânica, ou seja, atividades que levem em consideração os conhecimentos que o aluno detém, para despertar o interesse em aprender, é uma forma de contribuir com o processo de aquisição da leitura e escrita.

Segundo a professora, o processo de leitura e escrita de seus alunos ocorre de forma construtiva, buscando formas interessantes de ensinar, com tarefas prazerosas, mas que proporcionem a produção. Entre atividades realizadas se destacam o registro alfabético, a produção de textos, a escrita (de forma espontânea), sem se preocupar com erros. Ela afirma que: “só escrevendo, é possível ver em que o aluno precisa avançar” (Professora do 5º ano, 2018).

Em busca de soluções para o enfrentamento e amenizar as dificuldades de leitura e escrita dos alunos e como forma de auxiliar o trabalho, ela conta com o auxílio de estratégias desenvolvidas pela gestão e coordenação pedagógica da Escola. O quadro 01, indica as atividades desenvolvidas:

Quadro 1 – Estratégias de trabalho adotadas pela Escola

Dias da semana	Estratégias adotadas pela Escola	Tempo
Segunda-feira	Programa Novo Mais Educação - Letramento	2 horas
Terça-feira	Reforço Escolar	1 hora
	Sala de leitura	1h/a
Quarta-feira	Programa Novo Mais Educação - Arte e capoeira	2 horas
Quinta-feira	Reforço Escolar	1 hora

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Nos dias de segunda-feira e quarta-feira, no contraturno, os alunos possuem das 14h às 16h, o Programa Novo Mais Educação-PNME, criado pela Portaria MEC nº 1.144/2016, é uma estratégia do Ministério da Educação, que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes (Brasil, 2016).

O Programa foi implementado por meio da realização de acompanhamento pedagógico em Língua Portuguesa e Matemática e do desenvolvimento de atividades nos campos de artes, cultura, esporte e lazer, impulsionando a melhoria do desempenho educacional.

Na segunda-feira, são desenvolvidas as atividades de português e matemática, voltadas principalmente para os alunos com dificuldades. Na quarta-feira,

são atividades culturais, correlacionadas com a arte e com a capoeira. Essas atividades são desenvolvidas por monitores (acadêmicos de pedagogia e de arte).

As atividades do reforço são realizadas nos dias de terça e quinta, 1h a mais, depois do término das aulas. Eram para serem extintas com a implantação do PNME. Porém, os alunos com dificuldades em leitura e escrita, geralmente não participavam, o que obrigou a Escola a realizar no final da aula o reforço escolar.

De acordo com a Professora, a proposta do PNME é para desenvolver integralmente aquele aluno que está em risco social. Mas só que na escola, ele veio como sugestão da coordenação para terminar o reforço no horário de aula. Porém, só deu certo na primeira semana.

Aqueles alunos que mais precisavam, não vinham para o PNME, porque a mãe tem que trabalhar, outros tem que cuidar dos irmãos, ajudar o tio na feira, a mãe não deixa. A Professora explica, “As mães acham que eles vão para a escola só para brincar, vadiar” (Professora do 5º ano, 2018).

Nas palavras da professora, a escola não aceita o reforço no contraturno, porque não tem espaço, pela manhã já tem outras turmas regulares, A única alternativa que a escola encontrou foi no sábado ou após as aulas. Os sábados já são todos letivos. Na opinião da educadora:

Aonde daria para ajudar esse aluno, a gente não tem esses espaços. Esses alunos recebem ensino na escola. Ele não tem aprendizagem em casa, os pais não ajudam, e aí eles nunca vão conseguir desenvolver melhor só no horário da escola (Professora do 5º ano, 2018).

Para ela, o reforço tem que ser com maior duração de tempo e dias no contraturno, porque no final da aula, os alunos estão com fome, cansados e aí não há produtividade, a professora ver o interesse deles em querer participar do esforço. Até ela mesma, já se encontra com vontade de ir embora, depois de 04 horas em sala de aula.

A Biblioteca e Sala de vídeo, usada também na terça-feira (no horário da aula) constituem-se como ambientes colaboradores de aprendizagem, pois oportuniza a dinamização do processo de ensino-aprendizagem, com atividades específicas propostas pela própria Coordenação desse ambiente.

A leitura e a escrita nesses ambientes acontecem de forma interdisciplinar e transdisciplinar, como intercâmbio mútuo e de integração recíproca, onde todo o conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, podendo ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, de iluminação de aspectos não distinguidos.

Neste contexto, Machado (2000), expõe que no ensino é necessário criar centros de interesse e que “as fontes principais não costumam ser os próprios conteúdos disciplinares, mas se encontram, nas relações interdisciplinares, ou mesmo nas temáticas transdisciplinares.

Dentre as atividades desenvolvidas na sala de leitura estão: contação de histórias (em rodinha, seriada, dramatizada, por meio de fantoche, slides) leitura dos alunos compartilhada, individual, em dupla (gibis, revistas, desenhos, livros), realização de desenhos, colagens, pinturas, criação de uma nova história ou apenas do final, elaboração de textos coletivos, entre outras.

Reyes (2012) sugere jogos que ajudem a desenvolver a ortografia, redação e gramática de uma maneira mais divertida, criativa e significativa. Os processos de desenvolvimento e de aprendizagem envolvidos no jogar e no brincar contribuíram de forma significativa nos processos de apropriação do conhecimento. É algo social, que antecede a cultura e tem como objetivo entreter, fascinar, distrair, alegrar e estimular.

As atividades lúdicas submetem os alunos a respeitar regras, aprender a dominar seu próprio comportamento, desenvolver o pensamento abstrato, a percepção visual, o autocontrole, a observação e a memorização. Os jogos e brincadeiras devem ser utilizados como importantes instrumentos pedagógicos para o desenvolvimento das habilidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais.

Observa-se que falta maiores investimentos em material diversificado, lúdico, que desperte o interesse do aluno, não apenas como tarefa, mas também como forma de se distrair, as atividades de leitura e escrita devem ser prazerosas e não torturas, castigos.

A leitura é trabalhada diariamente, com diferentes gêneros textuais e interpretação de forma dinâmica e divertida. Mas na biblioteca, eles escolhem o livro

que enchem os olhos, lá eles interagem com diversos gêneros literários. “Só que os alunos que tem dificuldades não participam, ficando mais retraídos”, explica a Professora.

Segundo a Professora, a diversidade em que trabalha a leitura e a escrita, são fatores que influenciam na aprendizagem dos seus alunos, por construir um ambiente de letramento, por mínimo que seja o resultado, pois, há fatores que dificultam, não sendo apenas a metodologia.

A professora é categórica, quando afirma que a dificuldade dos alunos está intrínseca a falta de acompanhamento dos pais no desempenho dos alunos. “se os pais acompanhassem, os resultados seriam diferentes, um tipo de recuperação paralela. Nenhum deles é acompanhado pelo Atendimento Educacional Especializado - AEE, porque não possui deficiências” (Professora do 5º ano, 2018).

Os pais são fundamentais quando motivam os filhos a serem mais dedicados nos estudos, também o acompanhamento em suas tarefas diárias, estipulando rotinas de estudos em casa, proporcionando incentivos e oferecendo subsídios que os levam a escrita e a leitura.

Na concepção da Professora, existe tratamento para todas as dificuldades na leitura e na escrita, mas elas, sempre existirão, cabe ao professor ser dinâmico, ter estratégias, usar seus recursos didáticos e principalmente ter um olhar da realidade de seus alunos e acreditar no potencial dos mesmos. Quando fugir de suas especificidades, solicitar auxílio de outros especialistas.

Para alguns alunos a leitura e a escrita são processos complexos e as dificuldades diversificadas. Nós professores, pedagogo muitas vezes não conseguimos transpor estas dificuldades, pois há situações que não sabemos qual é a melhor estratégia para ajudar a superarem, ou mesmo qual instrumento devemos utilizar para buscar um caminho mais adequado tendo em vista que todos os indivíduos são únicos e possuem características próprias (Professora do 5º ano, 2018).

As pesquisas de Weisz (2005) demonstra que o professor não deve pre estabelecer o que é fácil ou difícil para o seu aluno, pois não se pode “enxergar” o objeto do seu conhecimento com o olhar de quem ainda não sabe o que vai aprender e quais os caminhos que os alunos devem percorrer pra realizar as aprendizagens.

Para o aprendizado da leitura e da escrita, faz-se necessário um trabalho multidisciplinar, com toda a comunidade escolar, principalmente com a cumplicidade dos pais. O aluno deve ter ciência da importância da escola na sua vida. Os momentos de cobrança, de atenção ou de encorajamento devem ser compartilhados tanto pelos professores, como pelos alunos.

4.6.7 A observação dos alunos do 5º ano com dificuldades

Na escola é perceptível, alguns alunos que chegam ao quinto ano, sem ser alfabetizados, por vezes não sabem se quer escrever o nome completo, simplesmente copiam códigos sem saber seu significado e sua importância para a vida cotidiana e são reprovados justamente porque não sabem ler, nem escrever, mas as novas formas de avaliação baseadas na LDBEN (Brasil,1996) possibilitam que o mesmo, sem uma formação adequada, sejam aprovados e passados para a próxima turma.

A lei diz que o aluno deve ser avaliado ao final do primeiro ciclo (do primeiro ao terceiro ano) e retido caso não tenha êxito. Mas isto, geralmente não acontece:

Nos quadros 04, 05, 06 e 07, apresenta-se o perfil traçado dos participantes da pesquisa, os alunos A, B, C e D.

Quadro 2: Identificação do aluno A

Idade	11 anos
Contexto em que está inserida	mora com mãe que trabalha como gari e mais cinco irmãos
Problemática	não possui abstração total do alfabeto
Aprendizagens escolares	
Apoio Pedagógico	Reforço e sala de leitura
Técnicos da sala	Professora da sala de aula e da sala de leitura
Interações sociais	é um aluno de poucas palavras, que não interage com os colegas da turma, por ser bastante reservado e introvertido
Comportamentos e atitudes	
Desenvolvimento psicomotor e saúde	

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

É um aluno introspectivo, fala apenas o necessário ou quase nada, fica em sua cadeira, este ano começou a identificar o alfabeto, mas ainda não domina totalmente, não possui nenhum transtorno, audição e visão sem problemas. Por ser o mais velho, é responsável pelos irmãos menores. A mãe não tem pouco estudo e não frequenta a escola, nem as reuniões pedagógicas, alegando como motivo o trabalho. Não há conhecimento se possui pai, pois não comenta.

Em termos de aprendizagem, vem se desenvolvendo lentamente, a partir das metodologias aplicadas pela professora, pois em casa não tem acompanhamento, nem estímulos. Escreve mais só identifica as vogais, algumas consoantes e o próprio nome. Por vim acumulando dificuldades durante o passar dos anos, tem pouco interesse nas atividades propostas, o que desfavorece o avanço. Observa-se que o aluno é desprovido de cuidados com a higiene pessoal, geralmente não toma banho ou penteia os cabelos. O que pode elevar o desinteresse, pois não há traços favoráveis para a autoestima.

Quadro 3: Identificação da Aluna B

Idade	12 anos
Contexto em que está inserida	mora com os pais, a mãe é doméstica, o pai catador de latinha, tem 7 irmãos. Cuida dos irmãos para a mãe ir ao trabalho.
Problemática	bastante preocupante, ela copia os códigos de forma muito lenta, porém não os identifica, não há significação.
Aprendizagens escolares	Conhece todo o alfabeto e está no processo atualmente de silabação,
Apoio Pedagógico	Reforço e sala de leitura
Técnicos da sala	Professora da sala de aula e da sala de leitura
Interações sociais	não interage durante as aulas, pouco fala, não faz as atividades, assim,
Comportamentos e atitudes	A aluna é obediente, respeita as regras, apresenta excelente comportamento. Por ter avançado, está motivada, demonstrando interesse e responsabilidade, não só na escola, como em casa.
Desenvolvimento psicomotor e saúde	Fisicamente, demonstra uma estrutura magra e frágil, o sofrimento vivido é bastante explícito.
Acompanhamento familiar	Os pais não comparecem aos plantões pedagógicos

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A aluna B, também cuida dos irmãos e dos afazeres domésticos, devido a quantidade de serviço doméstico, não costuma resolver as atividades propostas. Tanto o pai, como a mãe não acompanham o desenvolvimento da filha, nem em casa, muito menos na escola.

Ela é uma das maiores preocupações, é muito comportada, respeita a professora. Apesar de que já foi citado, ela está mais envolvida com aprendizado, já consegue copiar o que está no quadro de forma muito lenta. Durante esses cinco anos, apresentou uma melhora no rendimento no final do ano passado. Está no processo de silabação, mais ainda precisa melhorar bastante, haja vista, esta no 5º ano.

Por ter avançado, está motivada, demonstrando interesse e responsabilidade. Porém, pelas conversas informais, nota-se que a responsabilidade de adulto atribuída a ela, faz com que esteja muito ausente da escola.

Fisicamente, demonstra uma estrutura magra e frágil, o sofrimento vivido é bastante explícito, lancha sempre mais de uma vez, as vezes guarda o lanche para levar para a casa (as merendeiras já conhecem a situação, e sempre que podem, dão lanches em garrafas pet para ela levar.

Quadro 4: Identificação da Aluno C

Idade	11 anos
Contexto em que está inserida	Mora com os pais, a mãe é dona de casa, o pai pedreiro, ambos não sabem ler e escrever e possui 08 irmãos.
Problemática	Não conhecia nem o alfabeto.
Aprendizagens escolares	Conhece todo o alfabeto e está no processo atualmente de silabação,
Apoio Pedagógico	Reforço e sala de leitura
Técnicos da sala	Professora da sala de aula e da sala de leitura
Interações sociais	Participa das aulas de reforço, interage com os colegas nas atividades, quando tem dúvidas na leitura, pede ajuda. Diz que tem vontade em aprender a ler.
Comportamentos e atitudes	Apesar das dificuldades, ele se esforça. Porém, seu único momento de estudo, é na escola.
Desenvolvimento psicomotor e saúde	
Acompanhamento familiar	Os pais não acompanham a aprendizagem.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

O aluno C é o que mais evoluiu do ano passado, até o presente momento, apesar de não ter apoio nenhum dos pais, não por não saber ler, mas de incentivos a estudar.

Apesar das dificuldades, ele se esforça, porém, seu único momento de estudo, é na escola. Está progredindo bastante, no início do ano passado, não conhecia nem o alfabeto e agora está lendo frases simples. Ele participa das aulas de reforço, interage com os colegas nas atividades, quando tem dúvidas na leitura, pede ajuda. Diz que tem vontade em aprender a ler, escreve sem problemas.

Quadro 5: Identificação da Aluna D

Idade	12 anos
Contexto em que está inserida	Mora com o pai que trabalha capinando quintais, a mãe dona de casa, possui mais 02 irmãos, sendo que um de acordo com a mãe, merece mais atenção por ser autista.
Problemática	Não conhece todo o alfabeto, segunda vez que fica retida, não participa do reforço.
Aprendizagens escolares	Consegue copiar normalmente do quadro, mas não sabe ler.
Apoio Pedagógico	Reforço e sala de leitura
Técnicos da sala	Professora da sala de aula e da sala de leitura
Interações sociais	Interage com os colegas nas atividades, não apresenta interesse nas atividades propostas.
Comportamentos e atitudes	É uma aluna que conversa bastante, deixando de realizar as atividades propostas, é agitada, vive se colocando em confusões e até brigas. Não participa das atividades de reforço.
Desenvolvimento psicomotor e saúde	
Acompanhamento familiar	Os pais não acompanham a aprendizagem.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A aluna D, por ter um irmão autista, é desprivilegiada das preocupações dos pais que são alfabetizados, mas não participam da vida escolar da filha ficando esta aluna um tanto sem atenção. De acordo com observações realizadas, a aluna nasceu de 07 meses, teve vários problemas quando nasceu, tem baixa visão e usa óculos com grau bastante elevado, mas consegue copiar normalmente do quadro, o que já não acontece com a leitura, pois não conhece todo o alfabeto.

Esta é a segunda vez que fica retida. É uma aluna que conversa bastante e não cumpre com as tarefas que são designadas, não se comporta, vive em confusões com os demais colegas. Tem dificuldades tanto para ler como para escrever, por não possuir demonstrar interesse, foi a única que do ano passado até hoje não avançou.

O desempenho e a aprendizagem do aluno é relacionada as competências adquiridas bimestralmente, as quais são classificadas em níveis, conforme os dados no quadro 06:

Quadro 6: Níveis de desenvolvimento do aluno

Nível 01 - Ainda não desenvolveu o seu aprendizado escolar, precisando de uma mediação pedagógica diferenciada para atingir as habilidades e competências mais elaboradas (não domina), assim como necessita de acompanhamento mais atento da família para superar dificuldades iniciais.
Nível 02 - Apresenta compreensão parcial dos conhecimentos escolares, o que não lhe permite se apropriar de conhecimentos de maior complexidade, precisando para tanto retomar e consolidar os conhecimentos trabalhados anteriormente, de modo que possa se apropriar de tais saberes para poder avançar na construção dos conhecimentos mais complexos.
Nível 03 - Apresenta desenvolvimento potencial para resolver atividades envolvendo habilidades e competências requeridas, porém necessita de uma mediação pedagógica para se apropriar de conhecimentos mais complexos.
Nível 04 - Apresenta um desenvolvimento satisfatório, mostrando habilidades e competências no processo de aprendizagem, com relativa autonomia.
Nível 05 - Realiza com autonomia as atividades desenvolvendo e demonstrando habilidades e competências consolidadas.

Fonte: Diário de Acompanhamento Pedagógico- DAP (2018).

É lamentável perceber que alunos que estão há mais de 05 anos estudando e que poderiam já ler e escrever minimamente, não conseguem reconhecer todo o alfabeto, sílabas ou palavras. Ou seja, todos ainda se encontram no nível I, pois ainda não atingiram as competências pré - determinadas por disciplina (Anexo I). Desfa forma, as indagações surgem em torno do que aconteceu com o desenvolvimento cognitivo desses alunos. De acordo com a professora:

Os pais trabalham em bico⁶, a “renda fixa” está no recebimento da bolsa família⁷. Esses alunos só vão para a escola por depender da bolsa família, pois constantemente sofre ameaças, as faltas dos alunos são informadas a gestão municipal do programa, podendo vim a perder o benefício, caso deixam de comparecer à escola (Professora do 5º ano, 2018).

É notório, que esses alunos enfrentam dificuldades por diversos fatores: falta de acompanhamento dos pais, que por vezes não tiveram estudo e pouco dão importância a isso; das tarefas que deveriam ser dos pais e são cumpridas por eles, haja visto, não terem escolhas. Alguns precisam cuidar dos irmãos menores para que os pais possam trabalhar.

A subnutrição está constantemente presente, e muitos vão porque vai ter o que comer e ainda guardar para o irmão que ficou com fome em casa. Outros, porque tem a responsabilidade de sair mais cedo da sala de aula, para pegar o irmão na outra escola. E assim, deixando de participar do reforço porque tem que ir cuidar dos irmãos para a mãe ir ao trabalho. São tantos os fatores que prejudicam o aprendizado dos alunos, que a professora explica:

muitas vezes, me sinto impotente, percebo que a cada dia é dado menos importância as atividades propostas para casa, pelo fato de retornarem da mesma forma que foram, ao perguntar o porquê não fizeram, explicam que tiveram que cuidar dos irmãos, fazer almoço, lavar louça, dormiram tarde (Professora do 5º ano, 2018).

A professora se sente fraca, em torno das mazelas vividas pelos seus alunos, o que a deixa muito triste e angustiada, pois, sabe da realidade desses e pouco poder fazer para melhorar a vida deles. Ela evidencia a necessidade de um trabalho com os pais, para poder resolver os problemas dos alunos.

Os pais quando são convocados, não aparecem. Geralmente quem vai para os plantões são os pais daqueles alunos que não trazem problema algum, possuem o desenvolvimento de aprendizagem excelente, são os melhores de sala de aula,

⁶ Atividades sem vínculo empregativo e por tempo determinado.

⁷ O Programa Bolsa Família (PBF) tem como principal intuito, auxiliar as famílias que se encontram em situação de pobreza e de extrema pobreza a terem condições de vida mais dignas e que não sofram com a desigualdade social em nosso país. É um programa completo e possui uma série de condicionais que abrange a área da Saúde, Assistência Social e Educação.

pois há o acompanhamento familiar. Já os pais daqueles que possuem problemas, vão a escola, apenas no fim do ano, quando o aluno já está retido e não há mais nada a fazer. Para a professora, essas dificuldades tem relação direta com o pouco ou nenhum interesse da família na vida escolar de seus filhos. Em suas palavras:

por mais que tentamos sanar alguns problemas específicos em sala de aula, quando o aluno é “solto” em casa e a família não dá a devida importância à vida escolar e não os acompanha, estas crianças, portanto, captam a mensagem da família, entendendo que realmente estudar não é tão importante (Professora do 5º ano, 2018).

Analisando as narrativas pude perceber que a maior parte das dificuldades apresentadas na turma do 5º ano, estão relacionadas a fatores familiares que não acompanham a vida escolar dos filhos, como também a migração de aluno que vem de outro estado onde o ensino é menos desenvolvido do que o nosso ensino público.

Os pais têm pouca ou nenhuma escolaridade, o que dificulta a ajuda deles frente ao estudo de seus filhos. Essas diferentes situações influenciam no processo ensino-aprendizagem, contribuindo para um baixo desempenho e baixa autoestima. Segundo Grispino, um grande princípio pedagógico é a escola aproximar-se da vida de seus alunos. Conhecer a realidade que os cerca e suprir, de alguma forma, as deficiências encontradas.

Alunos marcados pela pobreza, pela ausência de bens culturais, devem encontrar na escola meios de suprir suas necessidades. Se moram em localidades onde não há eletricidade em casa, não têm, nessas condições, acesso à TV, ao vídeo, ao computador, sem falar das condições financeiras que não permitem tais comodidades (Grispino, 2005, p.63).

A escola pública deve oferecer a possibilidade de reposição desses recursos, não se pode trabalhar com a ideia de que o aluno não consegue desenvolver porque é pobre, isto não justifica o atraso do aluno. A escola tem que se preparar para desenvolver esses alunos, chegar até eles, reconhecer suas falhas, suas dificuldades e trabalhar as dificuldades apresentadas.

De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, a partir de resultados do Pisa, o exame internacional da entida-

de (2016), “a maior participação dos pais resulta em melhores notas” e também “impactos positivos na melhoria do clima escolar e redução da indisciplina” (Instituto Unibanco, 2016).

Sabemos que cada escola tem suas especificidades, não existindo desta forma, uma receita ou modelo pronto e acabado para o fortalecimento dessa relação, mas a experiência de sucesso de algumas escolas pode ser fonte de inspiração para outros projetos. A indicação de um profissional da escola para ser o responsável pelo relacionamento com os pais e a comunidade, pode ser o início para fortalecer o diálogo. A experiência citada aconteceu em Nova York. A Fundação Itaú, fundamentado na ideia criou o Programa “Coordenador de Pais”.

O programa sugere a criação de grupos de formação para pais, com as temáticas relacionados à escola, aos alunos e ao currículo, possibilitando apoio e orientação aos pais, com os problemas que afetam os filhos. Porém, para que as atividades sejam bem abrangentes. Faz-se necessário o apoio das secretarias de governo. Pois muitas das vezes, os pais ou o aluno precisa de um atendimento fora das competências da Secretaria de Educação (Instituto Unibanco, 2016).

Os resultados apontam que a participação da família na vida escolar causam impactos positivos, independentemente da origem social dos alunos, ou seja, qualquer família tem muito a contribuir. A Associação dos Pais e Professores dos Estados Unidos pontua atributos desenvolvidas por escolas que obtiveram êxito na aproximação dos pais (Parent-Teacher Association, 2016). A Fig. 04 ilustra esses aspectos:

Figura 4: Características de escolas bem sucedidas na aproximação de pais



Fonte: Parent-Teacher Association (2016).

Seja qual for o projeto ou estratégias de ação, deve-se levar em consideração que a escola e a família desempenham papéis de grande importância na formação social do indivíduo, tendo responsabilidade na construção da pessoa humana em seus âmbitos espacial, temporal e sociocultural. A falta do amparo familiar, a carência afetiva, pode estragar a personalidade, e o comportamento.

De acordo com Tiba (1996), a pobreza, violência doméstica, alcoolismo, à desagregação dos casamentos, droga, ausência de valores, permissividade, demissão dos pais da educação dos filhos, etc. São apontados como as principais causas que minam o ambiente familiar.

Neste contexto, a escola juntamente com a família, devem ser estudadas em suas particularidades, em busca de uma interação produtiva, com definição de funções, em benefício dos alunos e para a efetivação de fato do ensino aprendizagem.

CONCLUSÃO

O estudo sobre a “*LEITURA E ESCRITA: as dificuldades e desafios no processo de ensino aprendizagem no quinto ano do ensino fundamental*”, em seus primórdios, teve como pressuposto e confirmado durante a pesquisa, que a falta de motivação, as condições familiares socioeconômicas, culturais e psicoemocionais interferem no cotidiano escolar implicando nas dificuldades de aprendizagem do aluno tanto para a leitura, quanto para a escrita.

Foi possível concluir que as dificuldades e fracassos nos anos iniciais da aprendizagem da leitura e escrita constituem um problema que nenhum método, até hoje, conseguiu solucionar. Tendo como base a teoria de Freire (1996), Vigoskt (1978), Ferreiro (1989), dentre outros, identificou-se que o aluno constrói seus sistemas interpretativos. Porém, é necessário que o professor considere as escritas do ponto de vista construtivo.

A aquisição de competências da escrita e da leitura, depende de uma metodologia diferenciada, que ajude o aluno a decifrar, criar estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação com mais o incentivo e direcionamento nas atividades contextualizadas no processo de aprendizagem. O entrosamento da professora e alunos proporcionam interações, permitindo diálogos frequentes.

Ler e escrever requer mediação e orientação sistemática do professor como também a análise sequencial do desenvolvimento das habilidades de cada leitor/ produtor. As aquisições de habilidades de leitura e escrita qualitativa e quantitativa se estabelece pela correlações dos saberes adquiridos na escola e comprovados fora dela, ou seja, é fundamental que estes saberes extrapolem os muros escolares, que os educandos saibam agir conscientemente valorizando e verificando a necessidade de se de saber ler e escrever corretamente.

Diante desse contexto, família e escola têm a função de desempenhar e desenvolver condições para a formação, desenvolvimento e crescimento do indivíduo. A afetividade, o amor, o respeito e atenção, são fatores adquiridos pelo o aluno em um ambiente familiar.

O bom desenvolvimento, crescimento e desempenho do ensino aprendizagem é indispensável, assim, o relacionamento entre escola, família, aluno e

sociedade, são insumos necessários para driblar os índices de evasão escolar, tornando a educação participativa e democrática.

Reportando-se ao questionamento inicial da pesquisa que foi sobre “- Por que muitos alunos do 5º ano do ensino Fundamental enfrentam grandes dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita?” Faz-se necessário apresentar as seguintes conclusões:

O estudo comprova que a falta de motivação, as condições familiares socioeconômicas, culturais e psicoemocionais, que se manifestam de forma diferenciada em cada aluno, interfere no cotidiano escolar e implica nas dificuldades de aprendizagem tanto para a leitura, quanto para a escrita. Porém, foi também evidenciado que as dificuldades no aprendizado da leitura e escrita decorrente de ordem neurobióticas, ou orgânicas, e psíquicas, referentes ao Sistema Nervoso Central. Ou ainda de cunho pedagógico.

As respostas apresentadas pela professora indicam que conhece a forma correta para o atendimento dos alunos com dificuldades. Portanto, entende o processo de aquisição da leitura e da escrita. As dificuldades apresentadas estão centradas na carência de suporte para as práticas e integrações pedagógicas, pois necessita de material didático diversificado e lúdico (mais livros, gibis, jornais, jogos), apoio para o desenvolvimento das atividades necessárias (como reforço no contraturno e o aumento da carga horária), cursos de capacitação, haja vista, que suas preocupações estão relacionadas não ao pedagógico, pois mostra conhecimento, mas de como trabalhar com os pais, que possui uma resistência para vim a escola e a realidade socioeconômica e cultural dos mesmos.

A realidade vida dos pais, reflete na vida dos alunos, devido as obrigações impostas pela condição social, encontram-se desmotivados, cansados dos afazeres e das tarefas de adultos que desempenham. Não há no núcleo familiar hábito ou modelo para ajudar no desenvolvimento das atividades de leitura e escrita.

Como consequência, são alunos tímidos ou agressivos, que se colocam em confusões em sala de aula, desmotivados (os que possuem alguma motivação, não encontram o apoio em casa), que não interagem na turma, possuem vergonha da situação em que se encontram, sofrem estigmações, bullying, segregações, não participam geralmente das atividades socioculturais.

As dificuldades e fracassos relacionados a leitura e escrita dos alunos A, B, C e D, conforme os estudos e observações realizadas, constituem um problema de causas instrucionais e ambientais com uma influência sobre as variáveis pessoais de aprendizagem por razões culturais, socioeconômicas, psicoemocionais, de aprendizagem e integração pedagógicas inadequadas. Sendo decorrentes da falta de interesse, desmotivação para estudar, preguiça, distração, mal nutrição, falta de reforço, estímulos, pressão dos gestores, material didático, preparação dos professores, entre outros.

O insucesso na aprendizagem da leitura e da escrita, condiciona, frequentemente, a aprendizagem em outras áreas disciplinares em que o domínio da linguagem escrita, e em especial da leitura é fundamental. Observa-se que os maiores entraves das dificuldades dos alunos estão no acompanhamento familiar, nos prejuízos socioemocionais advindos das dificuldades enfrentadas e na desvalorização das competências e habilidades da leitura e escrita.

A condição social dos pais e a necessidade de prover a família, faz com que eles se desprendam da importância da leitura e escrita para a formação cidadã dos filhos. O interesse em manter os filhos apenas frequentando, está no financeiro, em receber a Bolsa Família.

Faz-se necessário construir um ambiente de letramento, de imersão e diálogo criativo com a cultura escrita, no qual o aluno seja alvo de interesse, pesquisa e muitas reflexões. Assim, combater à privação sociocultural, à pobreza e à miséria, que está na base de muitas das dificuldades apresentadas na pesquisa, não se faz por medidas puramente educacionais.

Por essa razão a solução não se opera só na escola ou na política de educação, o problema naturalmente estende-se aos problemas econômicos, sociais e culturais.

Os pais por mais que não saibam ler e escrever, ou por preocupações de como manter a família, ou por outros motivos, devem oferecer apoio e condições de aprendizagem, especialmente para aqueles que apresentam alguma dificuldade, gerando assim uma interação entre escola e família.

O nível socioeconômico dos pais é um forte ponto a se considerar, tem séria influência, séria repercussão no andamento do projeto pedagógico e a ele deve

ser ajustado. A escola tem a obrigação de desenvolver atividades que aproxime os pais da escola e os sensibilize da importância da leitura e escrita na vida dos filhos.

No que diz respeito às práticas pedagógicas, a Escola necessita de uma melhor articulação e organização do currículo, pois até o momento, não possui uma identidade própria, haja vista, não haver proposta pedagógica que contextualize a realidade educacional da comunidade, com metas e objetivos que favoreça a melhoria da qualidade de vida dos alunos, com uma contínua avaliação de suas ações diárias, bem como dos rendimentos na aprendizagem dos alunos.

Para se tornar um leitor competente e um escritor eficiente, é preciso primeiramente de professores capacitados, isto é, conscientes de sua prática educativa e preparados para os desafios constantes da atualidade, têm que ser capazes de desenvolver uma mediação qualitativa no ensino-aprendizagem, com base em estímulos nos mais diversos contextos sociais, seja formal, ou não formal, na busca de formar alunos leitores competentes.

Não há como caminhar na aprendizagem dos alunos quando os professores se sentem sozinhos e isolados em suas salas de aula. Educação é engajamento de toda a comunidade escolar.

A escola deve dispor de recursos e cursos de formação continuada aos professores, na busca de capacitar, com o objetivo de não haver falhas no processo de ensino-aprendizagem, pois um dos motivos que podem gerar alguns problemas de leitura e escrita é certamente, a falha que ocorre durante o processo, quando não há profissionais preparados suficientemente para intervir de maneira adequada.

Pais, professores, coordenadores pedagógicos e escola, devem proporcionar novos contextos para a aprendizagem da leitura e da escrita, onde sejam valorizados o sentido dessas práticas culturais, bem como os interesses, as linguagens e a cultura dos alunos, porém, atentos às dificuldades, observando se são passageiras ou se persistem por longo prazo, necessitando da intervenção diagnóstica de um profissional especializado.

O propósito essencial desta pesquisa não se resume apenas em destacar a importância da temática, mas sim, de aprofundar os questionamentos que envolvem a problemática abordada, proporcionando novas reflexões, debates e pesquisas na temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: método fônico para tratamento**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

ANTUNES, Celso. **Vygotsky, quem diria?!** Em minha sala de aula. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Pedagogia histórico-crítica: o otimismo dialético em educação**. São Paulo: EDUC, 1992.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofia da Educação** 3.ed.rev.e ampl.São Paulo:moderna,2006.

BARCA LOZANO, Alfonso., PORTO RIOBOO, Ana. **Dificultades de aprendizaje: categorías y clasificación, factores, evaluación y proceso de intervención psicopedagógica**. In SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J. A. Dificultades de aprendizaje. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

BOSSA, NADIA A. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: ArtMed, 2000.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: São Paulo: Saraiva, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos/Ministério da Educação**. Secretaria de educação Fundamental. 3ª. Ed. – Brasília: 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: Congresso Nacional de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Disponível: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saude-legis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 08.out.2018.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Plano Nacional de Educação 2014-2024: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BRASIL. **Portaria nº 1.144, de 10 de outubro de 2016.** Institui o Programa Novo Mais Educação. Diário Oficial da União nº196. Brasília, 2016.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador.** São Paulo, SP: Ática, 2001.

CERVO, Amado Luís. BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica.** 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CRUZ, Vitor. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas.** LIDEL: Edições Técnicas, Ltda, 2009.

DELL'AGLI, Betania Alves Veiga. **Aspectos afetivos e cognitivos da conduta em crianças com e sem dificuldades de aprendizagem.** Tese de Doutorado (Não publicada). Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 2008.

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DOCKRELL, Julie; MCSHANE, John. **Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva.** Tradução Andrea Negreda. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FAJARDO, Vanessa; OLIVEIRA, Marina. **55% dos alunos de 8 anos da rede pública têm conhecimento insuficiente em matemática e leitura, diz MEC G1,** 2017. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/educacao/noticia/mais-da-metade-dos-alunos-de-8-anos-da-rede-publica-tem-conhecimento-insuficiente-em-matematica-e-leitura-diz-mec.ghml>>. Acesso em: 10 out. 2018.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato and MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 2002, vol.15, n.1. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000100005>. Acesso em: 10. out. 2018.

FERRARI, Márcio. Jaime Luiz Zorzi: A escola ignora quem não consegue aprender. **Revista Nova Escola.** São Paulo: Abril – agosto de 2006.

FERREIRO, Emília. Alfabetização de Crianças e Fracasso Escolar – Problemas teóricos e exigências sociais. Trabalho apresentado no Simpósio Latino-americano de **Psicologia do Desenvolvimento ISSBD** – Recife, PE, novembro 1989. Tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FOREQUE, Flávia. **Ensino médio está falido e não agrega conhecimento, diz ministro sobre resultados de matemática e de português**. TV Globo. G1, 30.08.2018. disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2018/08/30/ensino-medio-esta-falido-e-nao-agrega-conhecimento-diz-ministro-sobre-resultados-de-matematica-e-de-portugues.ghtml>. Acesso em: 05 out.2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do hábito de ler**: em três artigos que se completam. 48ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d' Água, 2010.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização**: Leitura do mundo, leitura da palavra? Paulo Freire, Donaldo Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

INSTITUTO UNIBANCO. **O que fazer para aproximar a família a escola?** Aprendizagem em Foco. Instituto Unibanco, abril de 2016. Disponível em: <http://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/9/index.html>. Acesso em: 12 out.2018.

FURTADO, Ana Maria Ribeiro, BORGES, Marizinha Coqueiro. Módulo: **Dificuldades de Aprendizagem**. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

GARCEZ, Lucília. **Técnicas de redação**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GARCIA, Jesus Nicasio . **Manual de dificuldades de aprendizagem**: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

GRISPINO, Izabel Sadalla. **Prática Pedagógica**: estruturando pedagogicamente a escola. São Paulo: Editora: Compacta, 2005.

GOMEZ, Ana Maria Salgado ; TERÁN, Nora Espinosa. **Dificuldades de Aprendizagem**. Detecção e estratégias de ajuda. Cultural, S.A, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

JACOB, Adriana Vilela ; LOUREIRO, Sônia Regina. **Desenvolvimento afetivo – o processo de aprendizagem e o atraso escolar**. Paidéia, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, fev/ago. 1996.

JARDIM, Renata, S. R.; THIMÓTEO Patrícia; MORENO, Andréa, C.Boges. **Fundamentação Teórica: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita**. 3. Ed. Casa do Psicólogo, Livro 1, 2006.

JOSE. Elisabete da Assunção; Coelho, Maria Tereza. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2006.

KINCHELOE, Joe Lyons. **A formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LERNER, Delia. **É preciso dar sentido à leitura**. Nova Escola. São Paulo: Abril, 2006.

LINS, Romulo Campos. A diferença como oportunidade para aprender. In: XIV ENDIPE, 2008, Porto Alegre. **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: sujeitos, currículos e culturas**. Porto Alegre: Edi PUCRS, v.3. p. 530-550, 2008.

LURIA, Alexander Romanovich .; LEONTIEV, Alexis. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2003.

MACAPÁ. **Resolução nº 14/2012**. Conselho Municipal de Educação de Macapá – CMEM. Prefeitura Municipal de Macapá. Secretaria Municipal de Educação. Macapá, 2012.

MACEDO, Stella Maris Moura de. **Cultivando o Prazer da Leitura: o prazer de ler desde pequeno**. In. **Salto para o Futuro: Ensino fundamental / Secretaria de Educação à Distância**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MATA, Lourdes. **A descoberta da escrita**. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC, 2008.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. **Imagens Etnográficas da Inclusão Escolar: o fracasso escolar na perspectiva do aluno**. Projeto de pesquisa. UERJ: 2005.

MIRAGAIA, Júlio. **No Ideb, nota do AP fica abaixo da meta**. Seles Nafes. com: sempre conectado, setembro, 2016. Disponível em: <https://selesnafes.com/2016/09/no-ideb-nota-do-ap-fica-abaixo-da-meta/>. Acesso em: 05 out. 2018.

MORAIS, Artur Gomes de. **Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?** Secretaria de Educação Básica, Brasília: DF. 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf. Acesso em: 02. Ago.2018.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PARENT-TEACHER ASSOCIATION. **Características de escolas bem sucedidas na aproximação dos pais de alunos**, 2016. Disponível em: www.pta.org/natioalstandars. Acesso em: 12 set. 2018.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola: relações família-escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, p.303- 312, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200012 . Acesso em: 10 out. 2018.

RAMOS, Heloisa. **Alfabetização: A criança deve sair da Educação Infantil lendo?** Revista Nova Escola. Editora Abril. Fundação Vitor Civita, agosto de 2012.

REBELO, José Augusto da Silva, **Dificuldades da Leitura e da Escrita em alunos do Ensino Básico**, Porto, Edições ASA, 1993.

REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

RODRIGUES, Maria Fernanda. **44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura. Estadão.** Blogs Babel. Literatura e mercado editorial, maio de 2016. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>. Acesso em: 05.out.2018.

ROCCO, Maria Tereza Fraga. Leitura e escrita na escola: algumas propostas. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996.

ROMERO, Juan. F. Atrasos maturativos e dificuldades na aprendizagem: In: **Desenvolvimento psicológico e educação**/ organizado por Cesar Cool, Álvaro Marchesi e Jesús Palácios; trad. Fátima Murad – 2 ed. - ;porto alegre: Artmed, 2004.

SALGADO, Ana Maria. **Dificuldades de aprendizagem**: manual para pais e professores. Cultural S.A. Brasil, 2009.

SILVA, W. C. **Discalculia**: Uma abordagem à luz da Educação Matemática. Relatório Final (Project de Iniciação Científica). Universidade Guarulhos, Guarulhos, 2008.

SIM-SIM, Inês. (org). **Ler e Ensinar a Ler**. Porto: Edições ASA, 2006.

SIM-SIM, Inês. **O Ensino da Leitura**: a compreensão de texto. Ministério da Educação, dezembro de 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre, Ed. Artmed, 2008.

STAMBAK, M., VIAL, M., DIATKINE, R., PLAISANCE, E., BEAUVAIS, J. Síntese dos trabalhos. IN AJURIAGUERRA, J. de et al. **A dislexia em questão**: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

STEFANINI, Maria Cristina Bergonzoni; CRUZ, Sônia Aparecida Belleste. Dificuldades de aprendizagem e suas causas: o olhar do professor de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. **Educação**, janeiro-abril, ano/vol. XXIX número 67 058. Pontifica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto alegre, Brasil PP.

STEFANI, Rosaly. **Leitura**: que espaço é esse? São Paulo: Paulus, 1997.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3 ed. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina** – Limite na medida certa. 8ª edição. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VILARINHO, Sabrina. “**Por que escrever?**”, Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/redacao/por-que-escrever.htm>>. Acesso em 01. out. 2018.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 3. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

WEISZ, Telma. **A concepção do conhecimento**. São Paulo: Segmento Duetto, 2005. (Coleção Memória da Pedagogia, n 5).

ZUANETTI, Patrícia Aparecida and FUKUDA, Marisa Tomoe Hebihara. Aspectos perinatais, cognitivos e sociais e suas relações com as dificuldades de aprendizagem. **Rev. CEFAC**. 2012, vol.14, n.6, pp. 1047-1056. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?nrm=iso&script=sci_issuetoc&pid=1516-184620120006&lng=em. Acesso em: 28 ago.2018.

SOBRE OS AUTORES

Valdinéia Amorim Lobato



Mestre em Educação pela ABSOULUTE CHRISTIAN UNIVERSITY, Estados Unidos. Licenciada em Pedagogia pelo Instituto de Ensino Superior – IESAP. Graduação em Educação Especial pela FAVENI. Especialista em Pedagogia Escolar, Supervisão, Orientação e Administração pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Especialista em Educação Especial e Inclusiva e em Docência da Educação Básica pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas (FATECH). Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Educação Especial pela FAVEN. Professora das séries iniciais da Rede de Ensino do Município de Macapá-Amapá.

E-mail: amorimval1312@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1546-3692>.

Elivaldo Serrão Custódio



Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Amapá (Unifap). Doutor em Teologia pela Faculdade EST. Mestre em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela Unifap. Matemático, pedagogo, historiador e teólogo. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amapá (Ueap). Professor do Mestrado Profissional em Matemática da Unifap. Líder e fundador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática, Cultura e Relações Étnico-Raciais (Gepecrer-Ueap). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Educação, Interculturalidade e Relações Étnico-Raciais (Unifap/CNPq).

E-mail: elivaldo.pa@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2947-5347>.



TERRIED

LEITURA E ESCRITA

AS DIFICULDADES E DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



www.terried.com
contato@terried.com